PARA TODOS...
ANNO XII
NUM. 582.
8 FEVEREIRO
1930 PREÇO 1

A Verdade Mentida

QUANDO Medina entrou no scenario, soffreu a breve cegueira de todos os dias. Fóra, deixava o ouro da tarde outomnal, cheia de sol e do barulho dos carros e bondes que campainhavam alegremente. Teria começado o ensaio ?

Ha largura do scenario, escuro e frio, os comediantes moviam-se como sombras, sem gesto, executando os seus papeis. Do alto das claraboias, descia uma vaga, tenue claridade que polvilhava suavemente o fim dos bastidores amontoados uns contra os outros, na parede do fundo.

Medina approximou-se para falar com o ponto.

— Julia não veiu ?

— Sim; andava por ahi, com o autor. Vamos a vêr... Olhe: ali estão naquelle canto... Com licença, senhor Medina. Estamos um pouco atrazados hoje.

Medina ergueu-se, mordendo os labios.

Era verdade. Lá estavam, no canto escuro e separado do palco.

Ella, sentada, deitava para traz a cabeça, como que absorvendo as palavras delle, que lhe falava muito perto dos labios, procurando-lhe o olhar, com o seu, turvo e triste de myope.

Medina chegou-se para elles, arrastando os pés com força. Julia e Huertos separaram-se bruscamente.

O autor, endireitando os oculos com uma mão, estendeu a outra a Medina.

— Como vae ? Hoje veiu atrazado, meu caro.

E no seu rosto largo, de cânonico, escrupulosamente escanhoado, o riso era uma careta...

Medina deu de hombros:

— Em troca, o senhor madrugou.

— Sim, tive que substituil-o em seu papel, no primeiro acto. Agora estão no terceiro. Vae tudo cada vez mais fraco...

Boateiros em exercicio...

Medina esteve a ponto de deitar tudo a perder. Seu caracter impulsivo, que tantos triumphos lhe proporcionava na violencia do drama, retem-se firme como uma corda de arco.

Mas interveiu o contra-regra:

— Senhorita Villar, senhor Medina!

Julia levantou-se, com um frou-frou de sedas. De pé, era mais elegante a sua figura, mais erguida e firme a linha do peito, mais altiva a expressão do rosto moreno.

Medina, junto a elles, olhava-a fixamente. A actriz fingia não vel-o.

— Disseram-me que hontem á noite jantaste com Huertos. E' verdade ?

Ella tardou a responder, receando um escandalo. Suas pupillas muras cravaram-se nas glaucas delle.

Sentado, junto ao director de scena, Huertos olhava-os curiosamente, lutando contra a sua myopia e a escuridão do fundo.

Decidiu-se por fim:

— E' verdade. Que ha ?

Medina sentiu um formigueiro nos dedos e teve que cravar as unhas nas palmas das mãos para se conter.

— Nada. E's senhora de ti...

O ponto lhes dava a phrase inicial: "E' uma festa encantadora, não achas, Carlos ?"

Tinham-se conhecido quatro annos antes, no começo de uma diaphana tarde de Fevereiro. Medina ia então para o ensaio e Julia, com o rosto de flor emergindo da ampla gola da capa, dirigia-se ao "atelier".

Logo se iniciou a palestra, frivola, engenhosa, de uma faiscante frivolidade de noite estival, ziz-zagueada de foguetes. Ella ficou seduzida com o palavreado facil e galante do joven actor. Julia, alta e macissa, com a magnifica cabeça arabe bem assentada sobre os hombros, ligeiramente altiva, a voz quente de contralto e os gestos dominadores, espalhava ao seu redor um encanto pomposo e deslumbrante, como a cauda dos pavões reaes.

Medina deixou-se prender immediatamente e estava disposto a deixar o theatro e a se casar.

Mas Julia acariciava sonhos muito differentes. Seu orgulho innato, a ingenita ambição de fausto que lhe dominava a alma, e até os ciumes que sentia, vendo o noivo fingir amores com a primeira actriz, colligaram-se para deslumbral-a com o impeto de uma revelação: ella nascera para o theatro.

Durante as noites, fechada em seu quarto, deante do espelho, ensaiava gestos e attitudes de toda a ordem, chegando até ás lagrimas.

Depois, ao cahir exhausta sobre a cama, vinham os sonhos triumphaes, o estrondo do successo da gloria futura...

— Não sabes ? — disse a Medina. — Eu queria ser artista. Tenho qualidades.

Elle encolerizou-se. Depois, pouco a pouco, prolongando a sua escravidão, impulsionado talvez por uma malsã confiança sensual, foi cedendo.

Julia entraria para o theatro. Medina procurou attenuar um tanto se-

melhante fraqueza, adextrando-a com conselhos de homem muito experiente nos enredos e intrigas dos bastidores. Mas foi inutil. Conforme Julia avançava em triumphos, chegando a conquistar o que nunca sonhára, — ser primeira actriz, com o seu amante de primeiro actor, — sentia-se cansada da paixão antiga e levava-a com certa humilhante vergonha, assim como si fosse um vestido fóra da moda.

Brigaram sem se separarem, por certas conveniencias artisticas. Ella fez da sua vida uma vertigem irrazoavel e insaciavel, procurando aturdir-se, passando de uns amores a outros, como a antiga tocha nupcial, que ia de mão em mão.

O ultimo era Huertos, o autor da "Vida Chimerica", um mocetão fatuo e sem nenhum talento.

E Medina soffria em silencio, sentindo subir do coração á cabeça, como um vinho maldito e enlouquecedor, a embriaguez do crime.

——

Approximava-se o final da peça, e com elle a scena culminante.

Ao baixar o panno, nos dois primeiros actos ouviu-se alguns applausos mercenarios, mas o publico protestou energicamente.

Na sala e no scenario, ia fermentando o fracasso. Huertos, desesperado, fumava cigarros e mais cigarros, limpando, de quando em vez, os oculos, com o lenço, furiosamente.

O scenario ficou vazio. Dentro, soaram violinos. Lentamente, e de braço dado, appareceram Julia e Medina. Ella vestia de vermelho. Elle, de fraque.

— E' uma festa encantadora, não achas, Carlos ? Mas prefiro estar aqui no jardim. Essa luz, esse ruido, aturdem-me, embriagam-me... A ti, não ?

E, desprendendo-se do braço delle, deixou-se cahir numa cadeirinha de vime, estendendo deante dos pés o sangrento charco da cauda.

— Eu, não. Minha embriaguez é mais vermelha, mais aspera.

Houve um momento de estupor.

Nos bastidores, os actores, os machinistas, todos approximaram-se estupefactos. O ponto se desconcertou.

Huertos deu um salto. O que dizia aquelle homem ?

Julia levantára os olhos para Medina e comprehendera que ia se passar alguma cousa de terrivel e definitivo.

Só Medina permanecia impassivel. Continuou:

— Nunca pensaste que chegaria este momento, não ?

José Francés

...

Correram "pschius" pela sala. Instinctivamente, presentia-se a scena capital.

Julia olhou angustiada para Medina, e, quasi sem mover os labios, murmurou:

— Cuidado, Pedro, que estamos em...

Antes que terminasse, já o autor tornára a falar. Desappareceu o impassivel zombeteiro de momentos antes; resuscitava, despertava nelle a violencia do seu caracter, e sentia uma ansia raivosa de macerar a idéa e a carne, odiadas pela fatal forç do amor. Falava com phrases rudes e partidas, gaguejando, enterrando as mãos no cabello correctamente penteado, dilatando as azas do nariz largo e felino. O vestido vermelho lhe ensanguentava a visão, e a elle, como a um lago maldito, foi atirando todo o desespero de su'alma, abrazada pela ingratidão de Julia.

De repente, congestionou-se e, levando as mãos ao pescoço, arrancando a gravata, rasgando a camisa, cuspiu-lhe no rosto o insulto supremo.

Na platéa houve um clamor. Alguns applausos. Barulho.

Julia endireitou-se, ferida no seu orgulho, e, rapida e impulsiva, esbofeteou Medina.

Depois ficaram ambos olhando-se nos olhos, arquejantes, esquecidos de tudo.

Medina cae de joelhos, soluçando...

Suavemente, fala de arrependimento, de perdão, de um amor, triste e resignado, de refazer a vida. Parece escolher palavras que saibam a seda, rebrilhem como estrellas, e cheiram a flor.

E termina com gemido impressionante que o derruba, prostrado, contra o sólo.

Então ella, com a mesma impetuosidade com que antes o esbofeteára, ajoelha-se deante do vencido e beija-o na fronte.

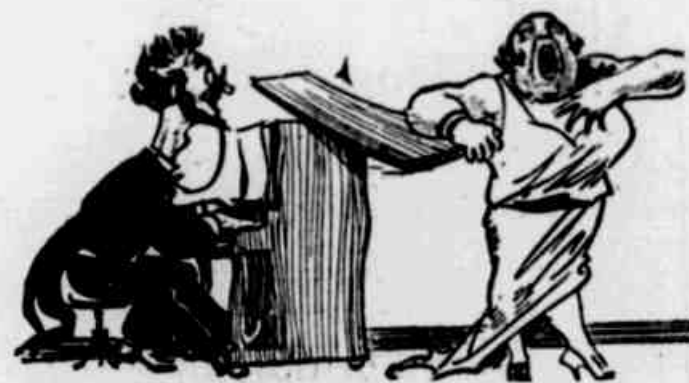
Rugindo, applaudindo freneticamente, todo o publico se poz em pé. As boccas seccas enrouqueciam de tanto chamar o autor. Nas galerias, borbulhara uma louca excitação.

Huertos deixou-se arrastar até o palco, esmagado sob aquelle triumpho que roubava, aterrado ante aquella explosão de paixão que elle não soubera despertar.

——

Medina abriu a porta, com o coração a bater-lhe.

Era Julia.

— Venho a ti... e para sempre !

CONCERTO LYRICO

A cantora — Mi chiamano Mimi...

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente, a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

YVONNE DE ALENCAR (R. Grandeza) — Vejo bondade, doçura, generosidade, benevolencia na sua letrinha redonda; ha tambem ordem, clareza, precisão, lealdade, energia e força de vontade quando se tornam precisas. O horoscopo das pessoas nascidas a 13 de Agosto é o seguinte: "São indolentes, necessitando de que as forcem a trabalhar, embora tenham bastante habilidade. Tem attracção pessoal e irradiam sympathia, sendo apaixonadas e generosas. Viverão longos annos, casando duas vezes e sendo mais felizes no segundo do que no primeiro matrimonio".

FRED (Rio) — Nota-se espirito de economia, actividade, observação, curiosidade na sua letra. Ha mais ambição, iniciativa, poder de logica e deducção clara, assim como perfeita e rapida assimilação. O traço com que firma seu nome de familia é indicativo de personalidade bem definida. Ha tambem um pouco de volubilidade, pressa, agitação, nervosismo.

CARMEN, A GITANA (Rio) — Nada tem que agradecer e estimei que tivesse ficado satisfeita. Aqui vae o horoscopo que pede das pessoas nascidas a 2 de Outubro: "São voluveis e muito attrahidas pelo sexo opposto. Cheias de enthusiasmo e de esperança, não desanimam deante de nenhum obstaculo opposto aos seus desejos, conseguindo realizal-os sempre com fé e força de vontade. Por serem inconstantes não serão felizes no matrimonio... Temperamento nervoso e excitavel com uma certa independencia e attitudes de revolta quando não comprehendidas". Está satisfeita? Escreva.

MIAMI (Rio) — Letra fina e inclinada para a direita de pessoa sensivel, emotiva, delicada, fina, fraca, de susceptibilidade muito... arranhavel... Espirito fantasista com grande exaltação dos sentidos, nervosa e com um pouco de teimosia e de vaidade, aliás muito natural nas jovens. O horoscopo das pessoas nascidas a 13 de Fevereiro é o seguinte: "Apezar de terem grande capacidade de trabalho e habilidade manual, preferem o ocio, o "dolce far niente" dos italianos.

São alegres, chistosas, sabendo communicar sua alegria aos que as cercam. Como amiguinhas são carinhosas, fieis, dedicadas, porém, triste de quem fôr seu inimigo!... Soffrerá toda a sorte de perfidias e maldades, pois seu genio é vingativo e rancoroso. Terão muitos filhos e viverão felizes casando".

ROSE BLANCHE (Rio) — Você foi tão gentil, Rose, que não posso deixar de agradecer tanta bondade para com o velho Graphologo. Não creia que me aborrece escrevendo; ao contrario: dá prazer, e a prova é que lhe satisfaço o pedido do horoscopo dos nascidos a 14 de Junho, feito com tanta timidez: "São exaggerados em tudo, a começar pelo desmedido orgulho que têm do seu nome e dos brazões da familia. Têm habilidade para a politica e para a medicina, sendo as mulheres optimas enfermeiras. Casando, serão felizes, salvo si o fizerem com pessoa de condição inferior á sua, pois ahi o orgulho de familia falará sempre mais alto do que o amor". Será mesmo assim, Rose Blanche? Quanto ao facto de me não conhecer pessoalmente, só tem a lucrar com isso, creia. Sou tão "ranzinza" e implicante...

AYDA (Itabira) — Recebi por seu intermedio os agradecimentos de "Ainigriv". O principal é ter ficado ella satisfeita como você diz que ella ficou. Quanto ao pedido que me faz, será satisfeito e não creia que me aborreça. Estou sempre ás ordens das minhas gentis consulentes.

NATALEUSE (Itabira) — A margem regular que deixou á esquerda do papel demonstra logo espirito de ordem, economia, prudencia, porque as linhas vão até ao rebordo opposto da folha. A letra fina e muda confirma isto e mais sensibilidade, delicadeza, amor proprio susceptivel, magoando-se com pequeninos descasos. Vejo intelligencia lucida, calma, altruismo e uma certa despreoccupação ou fatalismo no modo de graphar o til em grande curva, assim como alguns córtes dos tt, significando ainda espirito fantasista e original. Pena é que a falta de espaço não permitta ser mais minucioso, como desejava.

CARLOS GARCIA SIMÕES CASTRO (S. João da Bocaina) — Segue carta registrada, como pediu, e desculpe a demora que houve, pois foi toda involuntaria.

MELISSINDE (Rio) — Muito grato pela gentileza da sua amavel cartinha. Acha, então, que eu não sou tão velho como pareço ? Pois é o contrario: ainda pareço mais velho do que realmente sou. Fez muito bem mandando passear "les diables noirs". Procure agora rodear-se "des anges blanches". Tenha fé no futuro e seja o "architecto da sua felicidade". O acaso é um mytho. Vou fazer o estudo psychologico que pede e depois direi com mais vagar, tempo e espaço. Não desanime. Por que não escreve suas impressões ? Com prazer publical-as-ei. Quanto ao meu nome não tem importancia declarar: sou um velho graphologo e mais nada na vida. Vou satisfazer seu ultimo pedido: Escreva, Melissisde.

BIQUEIRA (Botafogo) — Letra movimentada de pessoa activa, inquieta, nervosa, de grande mobilidade. Por isso mesmo é instavel, voluvel, um tanto aggressiva, arisca, com algum espirito de "revanche" quando offendida. E' tambem voluntariosa, "não dando o braço a torcer" quando reconhece que errou. Tem imaginação viva e creadora, alegria que a obriga ser palradora. Será verdade que anda enfastiada ?... Mande dizer.

GRAPHOLOGO.

CORAÇÃO FERIDO...

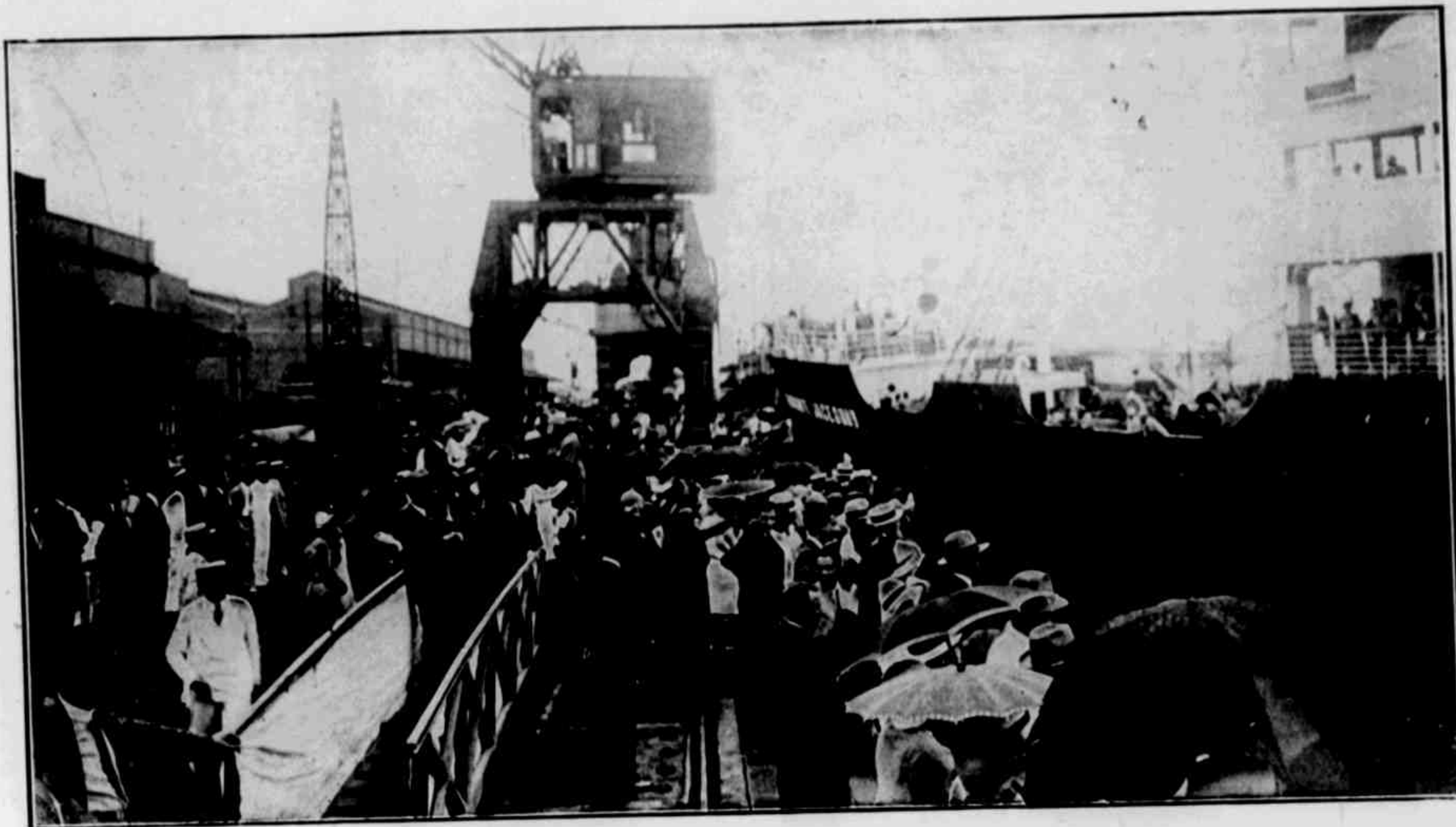
Para D. A.

Sempre que os olhos vêem um desengano,
meu pobre coração bate apressado
e soffre... a debater-se, tão magoado,
pelas desillusões que causam damno.

Tem as procellas de um pequeno oceano
que se reflectem pelo olhar velado;
mágoas que o abalam, desespero insano
que após o tornam mais desencantado...

Porquanto só Deus sabe o que é preciso,
no intento de occultar sentida mágoa,
a quem, sonhando, perde uma illusão,

e tendo os olhos tristes cheios d'agua,
tem de aflorar aos labios um sorriso
e reprimir a dôr do coração...

ALBERTO RUIZ.

O "Almirante Jaceguay", do Lloyd Brasileiro, ao deixar o Cáes do Porto na sua segunda excursão de turismo com destino ao Rio da Prata. A multidão que se vê na photographia é o melhor attestado do exito obtido pela esclarecida iniciativa da actual administração do Lloyd.

Cinearte-Album para 1930

OS MAIS QUERIDOS ARTISTAS DO CINEMA

✣

TRICHROMIAS QUE SÃO QUADROS DESLUMBRANTES

✣

40 RETRATOS MARAVILHOSAMENTE COLORIDOS

✣

Contos, anecdotas, caricaturas e historias lindissimas... Confissões das telephonistas dos studios... Belleza !... O livro de WILLIAM HART, GRETA GARBO... Como foram feitos os "trucs" do "Homem Mosca"... Films coloridos. Originalidade sem par ! ...

Se tem bom gosto escolha suas revistas no meio destas.

GALERIA COMPLETA DOS ARTISTAS BRASILEIROS

✣

RIQUISSIMA CAPA COM

GRACIA MORENA

✣

CENTENAS DE PHOTOGRAPHIAS INEDITAS

✣

Se na sua terra não ha vendedor de jornaes, enviae-nos hoje mesmo 9$000 em dinheiro, por carta registrada, cheque, vale postal ou sellos do correio para que lhe enviemos um exemplar deste rico annuario.

Um livro de Sonhos e Encantos ...

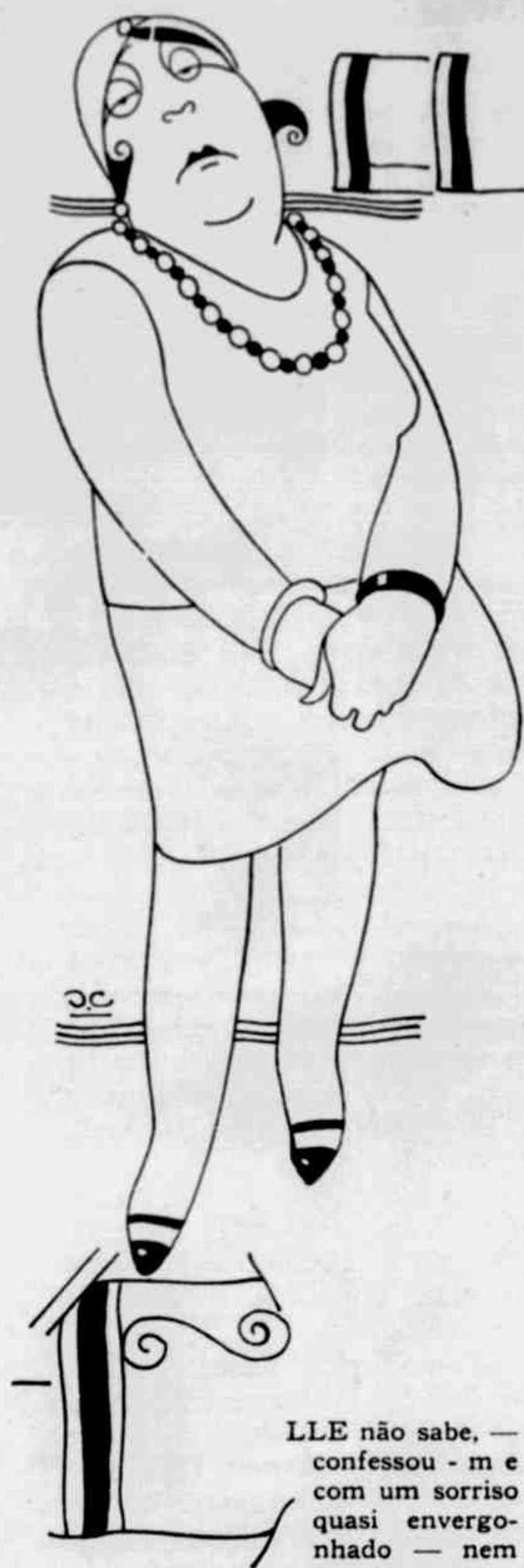
A' venda em todos os jornaleiros

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO OUVIDOR, 21 -- CAIXA POSTAL, 880

R I O   D E   J A N E I R O

Para todos...

ELLE NÃO SABE...

ELLE não sabe, — confessou-me com um sorriso quasi envergonhado — nem eu quero que saiba. Para que?... Sou mais velha do que elle, e tão gorda, tão sem graça!... Oh! não proteste e sobretudo não sorria por falar em gordura como de uma desgraça. No meu caso chega a ser uma, creia. Não me julgue futil por isto. Não sou futil, sou clarividente apenas... e com que amargura o sou!... Para abrigar a alma de lyrismo, de arrebatamento, de romanesco, de loucura que é a minha, este envolucro tão concreto, tão volumoso, tão pesado redunda numa verdadeira desharmonia, a mais dolorosa das desafinações. Tinha de optar por um feitio no mundo, escolhi o do meu physico. Para não cahir no ridiculo das disparidades aberrantes, preferi pautar a minha feição pela do meu todo.

Reneguei minh'alma doida e turbulenta e fiz-me voluntariamente comedida, vagarosa, sensata, precavida. Burgueza, em summa.

Eu, tão bohemia e tão artista, empenhei toda a minha vontade em parecer a mais rotineira possivel. Tornei-me como toda gente. Apagada e matrona.

Sómente não se póde assim impunemente suffocar uma alma estuante.

Era preciso uma valvula de escapamento, uma compensação a tanto bom senso, a tanto prosaismo, a tanta renuncia. Foi elle esta compensação. Mal o conheco, nunca lhe falei, nada mais faco senão olhal-o... Mas como o ólho!... Com que delicia, com que abandono, com que embriaguez!... Levo tanto tempo sem o ver que, ao encontral-o, meus olhos têm sempre uma surpresa. Parece-me que é pela primeira... Depois, meu olhar retoma avidamente posse daquella physionomia. Pertence-me, máo grado seu. Familiarizo-me com os detalhes de suas linhas, descubro com encanto que a conheço, renovo-a em mim traço a traço, farto-me della, sacio durante os curtos instantes em que a tenho debaixo dos olhos soffregamente, gulosamente, o meu eterno, o meu inacabavel desejo de a ver.

— E não pensa que elle adivinhe?...

— Não póde adivinhar... Mesmo que adivinhasse, porém, não adivinharia nunca toda a profundez do meu sentimento. Acharia chimerico, impossivel!... Não ha impossiveis para a imaginação. Elle é o meu sonho. O meu sonho prohibido como o peccado, seductor como a tentação. O sonho que me alenta de esperança e me recreia de fantasia a uniformidade enfadonha da existencia.

— Mas se soubesse...

— Qual!... — interrompeu num levantar de hombros fatalista, — não adeantaria nada, não tem de ser... Consultei, de uma feita, a cartomante. Sim, desci a esta tolice. O que ella me disse concordou tão bem com o meu pensamento que acreditei. Nunca o interessei no passado, nunca o interessarei no futuro. Nunca... Triste palavra, não acha?... Tem a dureza da fatalidade, elimina implacavelmente toda possibilidade venturosa. Quanto me custou implantar em mim a sua sentença sem appellação, quanto!

Até hoje não sei bem se o consegui... Em todo caso não me illudo com abusões. Olho-o apenas, de longe, atravez a incommensuravel distancia dos nossos destinos diversos, olho-o como se olha o inaccessivel, olho-o como á face que teria a felicidade se quizesse baixar até a mim. E penso, ás vezes, sublevada de emoção, que um dia, talvez um dia... na desolada certeza, que esse dia nunca ha de vir, nunca ha de vir!...

— Se viesse, entretanto...

— Se viesse... — murmurou, fechando a meio os olhos, como offuscada pelo deslumbramento interior da perspectiva, — se viesse... Não sei dizer... Seria a plenitude na magnificencia, seria talvez tambem, quem sabe?... o supremo arrancamento. Um sonho realizado não é sempre um sonho perdido?..."

Conto

A PRINCEZA BIBESCO ESCREVEU

NIDE, mulher de Lord Thame, governador de Séringapatam, possuia uma pedra azul de grande valôr moral; por isto nunca se separava della, nem para dormir, nem na hora do banho. Era uma pedra muito azul, uma turqueza viva. Comprára-a na Persia onde a sua côr celestial é augmentada pelas nuvens. Ganha colorido intenso no alto das torres e nos lagos cheios de peixes vermelhos nadando no azul; é a côr do tempo que não muda e do amôr fiel.

Os Persas, povo supersticioso, só apreciam a turqueza emquanto se conserva azul, a mulher emquanto moça. Amar e apreciar quer dizer a mesma coisa. Mas, no paiz, existem muitas mulheres no declinio que ainda arranjam meios de agradar... e os negociantes de pedras finas exercem o commercio em bazares escuros, illuminados por lampadas mentirosas: de noite todas as turquezas são azues.

Os vendedores dessas pedras variaveis costumam affirmar aos compradores que ellas cahiram do céo e que, cada uma, contem a felicidade, curta ou longa, no amor de um homem.

O astucioso que vendeu á Enide a sua particula de felicidade disse-lhe assim: "Guarda-a si quizeres ser sempre amada. Ella é azul como o olho da lebre, azul como a lingua do papagaio, azul como a estrella da manhã! Só mudará de côr se o amôr de Medjoûn por Leïla mudar."

Na Persia contam ás crianças uma unica historia de amôr: a de Medjoûn e Leïla, amantes celebres em todo o Oriente, porque se amaram sempre. O milagre pareceu tão grande, o amor fiel uma invenção tão admiravel que, depois, todo o mundo fallou no caso sem que ninguem tivesse visto.

Quando Enide casou-se, disse a Lord Thame, mostrando-lhe a pedra azul:

— "Meu amor, isto é um talisman. Si um dia você deixar de me amar, ou se o meu amor por você diminuir, logo esta pedra se tornará verde."

Lord Thame, olhando a joia, viu que a pedra já não era perfeitamente azul. Mas não disse nada.

Enide e elle se casaram contra ventos e marés, cada um por si e Deus por todos aquelles que lhes queriam impedir a união.

Haviam se encontrado pela primeira vez no jardim de Téhéran, em casa de Sir John O'Kelly, ministro da Inglaterra na Persia, tio de Enide. Tudo os separava; primeiro, os itinerarios: Lord Thame voltava da India pelo caminho do Golfo Persa, Enide vinha do mar Caspio e partia para o Ispahan; depois, as idades: Lord Thame, embora não parecesse tinha já cincoenta annos, Enide tinha vinte e não parecia ter mais...

Ainda outras divergencias. Existiam entre elles dois abysmos: elle era inglez, ella irlandeza; elle casado, ella catholica. Emfim, Lord Thame começára a sua carreira por uma repressão na Irlanda, que ceifou a vida de vinte homens, entre os quaes o pae de Enide; era muito provavel que ella devesse a elle ser filha posthuma.

Não aprofundaram nenhum desses precipicios. Porém Lord Thame commetteu uma imprudencia. Enide tirára as luvas para servir o chá no jardim. Todo o tempo da visita elle acariciou o par de luvas aprisionado, como se fosse um par de passaros delicados. Ella não tinha animo de pedir-lhe a restituição das luvas. Olhava-o deslumbrada, como se aquelle gesto machinal, inspirado a um homem que vinha de longe, pelo prazer de tocar a camurça européa, demonstrasse grande audacia. Murmurava para ella mesma: "Elle ousa? Como ousa?" e não se movia com receio de quebrar o encantamento.

Um anno passou, sem que se apagasse a lembrança dessa caricia indiscreta. Enide voltára para a Irlanda. A noticia de um attentado fracassado, nas Indias, espalhou-se e a photographia de Lord Thame appareceu em todos os jornaes da Inglaterra. Enide soube pelos commentarios da imprensa que elle escapára illeso. Escreveu-lhe uma carta felicitando-o e não recebeu resposta. Então, decidiu escrever-lhe todos os dias. Não ignorava que era inconveniente uma moça entreter correspondencia com extranhos, mas, desde que só ella escrevia, não se podia chamar de correspondencia.

Reencontraram-se, uma noite, na enseada de Aden. Logo que ella o viu, correu, atirou-se-lhe nos braços. Elle disse-lhe:

— "Meu amor! Você será enterrada em Hill-Hall, no norte da Escossia, onde a terra é vermelha."

Foi assim que a pediu em casamento. De volta das Indias, Lord Thame perdêra a mulher doente ha muitos annos. E por maior precaução perdêra-a em viagem. O caixão funerario descêra no Oceano Indico. O lugar de esposa estava livre junto delle; livre tambem em Hill-Hall, no cemiterio da aldeia.

Os amigos das duas familias supplantaram-se em predicções sinistras.

— "E' uma loucura casar com uma rapariga tão nova, diziam os viuvos escossezes.

— Um sacrilegio! Casar com o matador do pae! diziam os irlandezes.

Ninguem em Dublin, nem em Edinburgo, citou o caso de Chimène: ignoravam-no completamente. A' sahida da egreja, Lord Thame jurou á esposa, não que a amaria sempre, o que era inutil, mas que se faria amar por ella toda a vida, voto muito mais difficil de pronunciar.

A nova Lady Thame passou a se vestir com tecidos muito severos: setim preto e lã marron. O pintor que lhe pintara o retrato disse que esses tons faziam contar o azul. E sobre o fundo escuro dos seus vestidos a turqueza cantava.

— "Não queiras parecer mais velha, meu amôr, disse-lhe o marido. Um coração que não quer mudar não receia a mocidade."

Pouco tempo depois do casamento, o Primeiro Ministro nomeou Lord

Azul

ZINOVIEW FEZ OS DESENHOS

Thame governador da cidade e da provincia de Trichnapour Lá, ao desembarcarem, elles foram recebidos com honras quasi divinas. Mas uma vez installados no palacio do governo, Lord Thame chamou a mulher e segredou-lhe:

— "Esta cidade não offerece garantias, como á primeira vista parece. Para frustrar as conspirações, não deveremos tornar conhecido o lugar onde, todas as noites, nos encontraremos. Para maior segurança, esse lugar não será nunca, duas noites seguidas, o mesmo. Durante o dia não poderei ver-te senão em publico e a hora das refeições."

Enide ficou aterrorizada com essas palavras. Passava os dias á espera das mysteriosas instrucções trazidas, ao entardecer, por um empregado hindú da confiança de Lord Thame.

A's vezes mandavam que se dirigisse, á meia noite, para um pequeno hotel, que lhe lembrava as casas de commodos dos suburbios de Londres, tendo que atravessar adegas blindadas. Outras, levavam-na, vestida de *bayadère*, para o pateo de um velho templo abandonado, onde encontrava o marido trajado como Harounal-Raschid, quando visitou, como indigente, a cidade de Bagdad.

Na noite seguinte era encaminhada para a sala de machinas de um grande jornal e precipitada num elevador que a depositava no telhado de uma grande casa moderna, transformado em jardim. Encontrava Lord Thame disfarcado em vendedor de jornaes.

Depois, um encontro num bosque de palmeiras. Assentada no pescoço do elefante, ella fazia dez leguas em campo plano, antes de chegar onde estava o marido, que a esperava como Jacob a Rebecca, perto de um poço, ao luar. Outra noite ella teve ordens de ir á pesca com archotes e, no barqueiro da embarcação que tomou, reconheceu o marido.

Uma ou duas bombas estouraram por occasião da passagem do governador, justificando as suas precaucões. Lord Thame affirmava á esposa que o palacio estava minado e que bastava uma faisca para fazel-o voar. Mas que só temia accidente á noite por causa do somno dos guardas. Enide estava muito apaixonada para poder raciocinar; aliás ella era completamente sem raciocinio: o casamento bem o provava.

Temendo que, por fim, Enide se acostumasse ao perigo e perdesse o temor, Lord Thame deixou-a, partindo para longas viagens de inspecção na immensa provincia. Redigiam-se noticias falsas, especialmente para a mulher do governador, annunciando revoltas em toda parte.

Enide não vivia, ou vivia dobrado, como todos os que temem pelo amor em perigo. A pedra azul brilhava com um azul intenso.

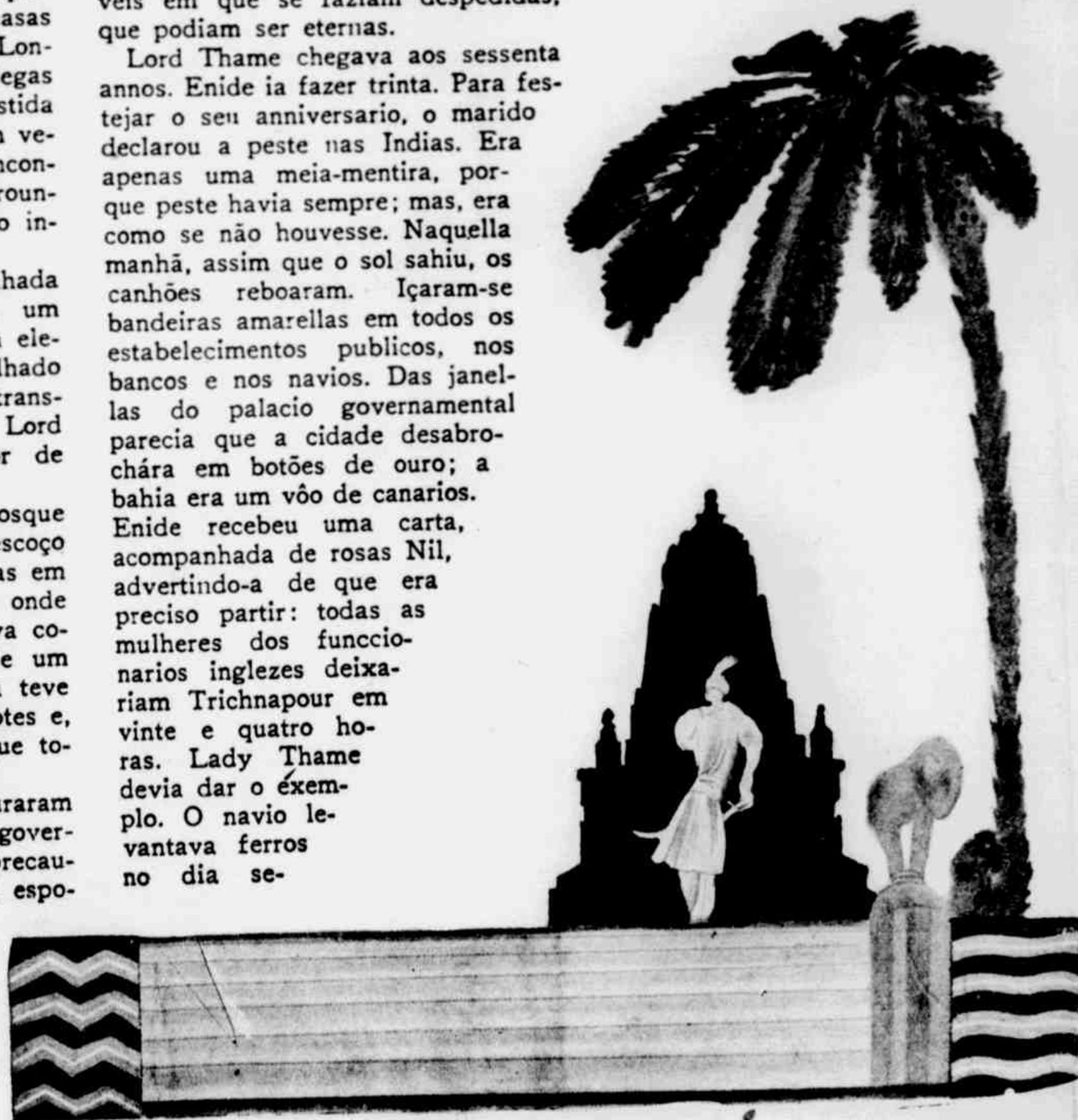
Uma unica mulher conheceu uma existencia de amorosa comparavel a que levava Enide: a tzarina Alexandra Féodorovna, mulher do Imperador Nicoláo II.

As condicções se assemelhavam muito, com a differença que Lord Thame era, de algum modo, o principal causador das ameaças de morte que lhe pesavam e o machinista chefe da sua propria machina infernal. Dez annos se passaram, com todos os dias eguaes, cortados de viagens nas quaes se arriscava a nunca mais voltar e por noites memoraveis em que se faziam despedidas, que podiam ser eternas.

Lord Thame chegava aos sessenta annos. Enide ia fazer trinta. Para festejar o seu anniversario, o marido declarou a peste nas Indias. Era apenas uma meia-mentira, porque peste havia sempre; mas, era como se não houvesse. Naquella manhã, assim que o sol sahiu, os canhões reboaram. Içaram-se bandeiras amarellas em todos os estabelecimentos publicos, nos bancos e nos navios. Das janellas do palacio governamental parecia que a cidade desabrochára em botões de ouro; a bahia era um vôo de canarios. Enide recebeu uma carta, acompanhada de rosas Nil, advertindo-a de que era preciso partir: todas as mulheres dos funccionarios inglezes deixariam Trichnapour em vinte e quatro horas. Lady Thame devia dar o exemplo. O navio levantava ferros no dia seguinte. Enide não tornou a ver o esposo, muito occupado em visitar os pestilentos.

— "Meu amôr querido, dizia a carta, a carta mais apaixonada que ella já recebera, ... levarei até a morte e mais longe, se fôr possivel, a minha selvagem saudade de ti, meu amôr, meu amôr!"

Enide foi esconder a sua agonia em Hill-Hall, no norte da Escossia, onde a terra é vermelha. E na casa natal do esposo, ella vivia cercada de tudo que o recordava. Lá se achavam reunidas as lembranças de infancia de Lord Thame, e as deixadas pela primeira Lady Thame. Organizaram para Enide um serviço postal especial e irregular. Passavamse dias sem que recebesse cartas; de repente chegavam tres e quatro ao mesmo tempo; ficava aturdida como um prisioneiro que se tira de um calabouço, e joga-se, em pleno meiodia, na algazarra de uma festa publica. Depois, de novo, levava muitos dias privada de qualquer noticia, languescendo e quasi desesperando.

(*Termina no fim do numero*)

FELICIDADE

COMEDIA EM 3 ACTOS

DE BRASIL GERSON

(CONTINUAÇÃO)

A mulher. — Com você...

Tobias. — Não comprehendo...

A mulher. — Comprehenderá...

Tobias. — Quer alguma coisa de mim?

A mulher. — Quero...

Tobias. — Dinheiro?

A mulher. — Não... Muito mais...

Tobias. — Muito mais?

A mulher. — Eu quero você para mim!

Tobias. — Eu?

A mulher. — Você de corpo e alma!

Tobias. — Para que?

A mulher. — Para amar... Eu ando á procura do amor que eu perdi...

Tobias. — Os seus olhos não tinham visto ainda os meus...

A mulher. — Eu tive ha cinco annos um grande amor. Era um poeta russo. Foi degolado na revolução. Em Moscou. Ah! eu ainda me lembro! Vieram buscal-o de madrugada. Eu pedi que não levasem o meu amor. Mas os soldados não attenderam. Elle ficou pendurado numa forca, com a lingua de fóra. Que coisa horrivel!

Tobias. — Era revolucionario?

A mulher. — Nunca me falou de revolução... Depois que elle foi degolado a minha vida ficou pela metade. Não pude mais viver. E sahi pelo mundo á procura de um outro homem que fosse como elle. Que fosse a imagem delle para amal-o muito como eu o amei! Cinco annos pelo mundo á procura do amor que eu perdi... (fita-o ainda) Agora sou de novo uma mulher feliz! Achei! E' como se fosse elle mesmo... Os olhos... o nariz... o cabello... a bocca... o corpo inteiro... a vóz... o meu querido Tobias...

Tobias. — Tobias?

A mulher. — O nome... Elle tambem se chamava Tobias...

Tobias. — E agora o que pretende fazer?...

A mulher. — Você vae ser meu! Você é o amor que eu andava procurando...

Tobias. — E' uma coisa impossivel...

A mulher. — Impossivel?

Tobias. — A's seis horas vou pedir em casamento a filha do meu patrão.

A mulher. — Não vae...

Tobias. — Porque?

A mulher. — Porque o destino não quer...

Tobias. — O destino?

A mulher. — O destino resolveu que você me restituisse a felicidade que eu havia perdido.

Tobias. — O destino... Que tenho eu com o destino?

A mulher. — Tudo.

Tobias. — Mas não póde ser...

A mulher. — Estava escripto: cinco annos depois, num bar de S. Paulo, eu havia de encontrar de novo o amor que desapparecera numa forca... Não vê que eu sou a felicidade que lhe chega ás mãos? Repare bem nos meus olhos... Na minha bocca que pede beijos... No meu corpo cheio de fogo... Repare... Eu sou o amor! A delicia de viver! A mulher que tem sensações!... Que já viveu... E que ensina a viver... A mulher-peccado mortal... A mulher-mysterio, — que vem de uma terra mysteriosa... (Levanta o corpo) A' felicidade que eu tornei a encontrar!

Tobias. — (Levantando o corpo) A' felicidade que eu perdi!

A mulher. — (Derruba num impeto o copo de Tobias)... que eu achei!... (Fecha-se por um minuto o velario. Quando se abre de novo, a scena está com as luzes apagadas. Apenas no "Abat-jour" ha um pouco de luz laranja que se projecta sobre os dois personagens. E sobre a mesa ha mais alguns copos.)

A mulher. — (Passando o braço pelo hombro do homem) Vamos, meu amor?

Tobias. — (Com um pouco de embriaguez mansa.) Para onde?...

A mulher. — Para a felicidade..

Tobias. — Onde fica a felicidade?

A mulher. — Numa casa bonita que eu tenho... Ha uma sala toda côr de rosa... Um leito côr de rosa... Um **abat-jour** côr de rosa... Ha dois annos eu preparei o quarto para receber nelle o meu amor quando elle voltasse a viver... Ha dois annos que elle está fechado...

Tobias. — Será bom o amor?

A mulher. — A vida fica vasia quando a gente não ama...

Tobias. — Eu sonhei com um amor differente... Uma menina loura muito bonita... Uns garotinhos que viriam depois... Uma casa no suburbio... Eu iria de tarde para casa num automovel Ford, e levaria uns embrulhos com doces em calda e frutas nacionaes... Abacaxi... Mamão... Tangerina... Eu gosto muito de tangerina...

A mulher. — Isto não é amor...

Tobias. — Não é amor?...

A mulher. — E' casamento... O casamento é o amor que assigna o ponto... O amor methodizado... Não presta.

Tobias. — Eu pensei que prestasse. Como é então que presta?

A mulher. — O amor que presta é o amor differente. E' o que chega sem a gente esperar. O amor prohibido, que não tem horas certas. O amor da meia noite. O amor da mulher fatal.

Tobias. — E o teu como é?

A mulher. — E' o amor da mulher fatal... que ha dois annos está para explodiar... sob a luz quasi apagada do **abat-jour** côr de rosa...

Tobias. — (Põe o chapéo, segura a bengala, passa o braço pela cintura da mulher e saem os dois, devagar...)

SCENA IV

O BARMAN e o PIANISTA

O pianista. — (Cabelleira, oculos, gravata de laço grande, com sotaque de allemão) Good nicht!

O Barman. — Good nicht!

O pianista. — Está na hora de começar.

Barman. — Que horas são?

O pianista. — Meia noite.

Barman. — Me ajuda a arrumar a sala. (Accende umas luzes, affastam os dois algumas mesas, deixando um espaço ao centro.)

SCENA V

OS MESMOS, UM FREGUEZ e uma FREGUEZA

(O freguez e a fregueza entram juntos, sentam-se juntos. Elle tem uns oculos, umas attitudes de pensador. Ella tem um ar de sonhadora.)

Barman. — Doutor...

O freguez. — Tem vodka?

O Barman. — Para dois?

O freguez. — Você tambem quer, Ernestina?

A fregueza. — Um calice bem pequenino... (o barman vae servir)

O freguez. — Vodka... A Russia... Não me esqueço nunca daquella novella de Andreieff...

A fregueza. — Um bar russo em S. Paulo... (Olha em redor) Deve ser um paiz mysterioso a Russia... Os barqueiros do Volga...

O Barman. — Vodka p'ra dois...

O freguez. — Este é verdadeiro?

O Barman. — Sim senhor. Bebida russa. (affasta-se)

O freguez. — (Fixando o copo) Eu vejo dentro deste calice de vodka a tragedia immensa da alma russa... Trotsky... Lenine quando ia proclamar a Republica communista...

A fregueza. — Vou pedir uma comida russa. Você se lembra daquella linguicinha que nós comemos em Santos, num vapor? Saia manteiga de dentro... (ao Barman) O senhor tem uma linguicinha russa que sae uma manteiga de dentro?

O Barman. — Essa já se acabou. Só amanhã...

A fregueza. — Que pena... (O pianista toca um trecho de fox-trot)

O freguez. — Olha só a influencia da civilização americana na alma russa. Um fox-trot...

A fregueza. — (ao pianista) O senhor não toca um pouco de musica russa?

O pianista. — Musica russa? Não senhora. Eu não sei.

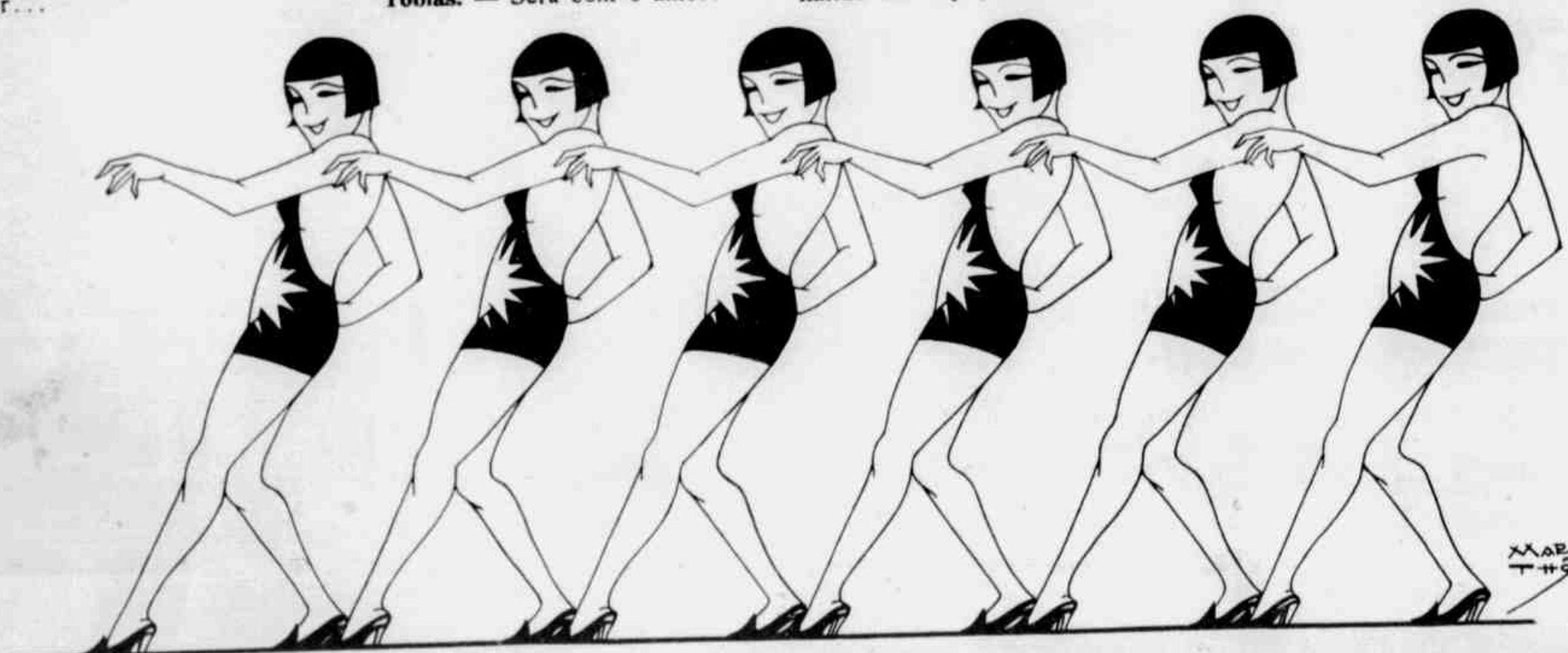
O freguez. — Então o senhor não é russo?

O pianista. — Não senhor.

A fregueza. — Este bar não é russo?

O Barman. — Não senhora. Este bar é austriaco. Nós somos austriacos...

O freguez e a fregueza. — (Numa grande desolação) Oh...

(CONTINÚA)

Uma festa bem nacional

Costumes do Brasil inteiro

Seringueiros, sertanejos, vaqueiros, mineiros, paulistas e gauchos.

Instantaneos apanhados sexta-feira da outra semana na residencia do doutor Pestana de Aguiar.

A casa tinha o aspecto das antigas casas da nossa terra e a musica e as dansas foram todas do Brasil.

A nossa gentilissima entrevistada num recanto do lindo palacete da Praia de Botafogo

Os vestidos compridos

É o que interessa ás elegantes, o que interessa, aliás, a todos em geral. Dos vestidos curtos aos compridos, de mostrar as pernas até acima dos joelhos, e passar a cobril-as só o pedaço de panno augmentou. Entre, porém, os vestidos de rua e os de noite, entre os proprios para o "chopping" e os para visitas, ha differença de tecido, de comprimento, de côrte. Uns continuam curtos, se bem que menos que os do anno passado, outros cresceram de muitos centimetros, atraz ou nas pontas; e os de noite descem totalmente aos pés.

Já se vinham annunciando, elles, os vestidos compridos, e, conjuntamente, as cinturas no logar. Pouco a pouco, de raro em raro, apparecia alguem de longa saia e cintura á cinta. Causava espanto. De repente vieram aos pares, ás duzias, e, hoje, só causam espanto as saias acima dos joelhos.

Mutação tão rapida e tão radical impressionou. Como teriam as mulheres recebido o novo decreto da moda? Terão saudade das saias curtas, ou estarão contentes com as compridas? E é de trazer para esta pagina o modo de pensar, a respeito, dos nossos vultos femininos mais em destaque em materia de elegancia, e dos que pódem discorrer sobre tão magno assumpto, que se cogita agora.

———

Muitas das nossas elegantes subiram a serra, isto é, foram para as montanhas. Outras ficaram. A praia, hoje, é um derivativo. Agua, muita agua, toda a de Copacabana, que, se, ás vezes, não banha de facto o corpo das mulheres de "maillot" que ficam de conversa nas barracas ou expostas ao banho de sol, só pelo grande volume liquido conforta e illude.

Principio, pois, a "enquête" pela senhora Flavio da Silveira (née Léa Azeredo). E na vespera do seu embarque para Petropolis, onde passará o resto do verão.

Léa, muito intelligente, artista e de fino trato. Uma das mais primorosas figuras da nossa alta sociedade. Não se furtaria, por certo, a uma conversa para o "Para todos...". Foi, aliás, o que de inicio lhe ouvi, quando me recebeu no seu aristocratico salão azul.

Emquanto esperava que o nosso photographo preparasse a machina para "poses" que illustram estas paginas, disse-me:

— Não sei falar de elegancia, não sei dizer do "chic".

— Não sabe! Está tão bem vestida! — disse-lhe eu examinando-lhe o vestido de musselina preta estampada de rosa quente.

— E' razoavel que me vista como toda a gente. A moda chega a todas e ninguem se póde furtar a ella.

— Quero, saber, comtudo, o que pensa das saias compridas?

— Attenção! Por favor... — disse o photographo.

— Com magnesium? — perguntou a illustre moça.

— Se se sujeitar a ficar quieta...

— Ficarei, sim, comtanto que me evite a fumaceira desagradavel. E depois eu não saberia manter o rosto impassivel...

Prompto o primeiro retrato, retomei:

— As saias compridas...

— Esplendidas. Sobretudo para as pequenas. A silhueta torna-se esbelta...

— A illusão de algumas pollegadas a mais...

Léa é "mignonne". Levantou-se. A saia em forma e de grandes pontas até os tornozellos dava-lhe á linha do corpo finura e elegancia.

— E' adepta dos vestidos compridos ?

— Para a noite, sim. De dia elles desceram, como sabe, apenas abaixo dos joelhos. Mas não creia que a carioca se conforme com isso. Somos exaggeradas em tudo. A natureza, aqui, é bonita demais, exuberante demais. As brasileiras, assim, usarão os vestidos mais compridos do mundo — concluiu a senhora Flavio da Silveira, num sorriso que mostrou no engaste dos labios rosados os dentes perfeitos e brancos.

— E da cintura no logar ?

— Tambem optima idéa. Mas, como lhe disse, será que as nossas patricias, que a usaram mais compridas que todas as outras, hão de usal-as tambem mais curtas...

— ...que as do universo inteiro.

— Não pilherie, porque é verdade. E não é porque a carioca fique feia. Ao contrario. E' bonita. muito bonita. E por isso mesmo, e tambem, talvez, por influencia de raça e de clima não se sujeitará ao meio termo. Em Buenos Aires, na Europa, na America, as mulheres pintam-se pouco, relativamente pouco. Aqui, com a permanencia nos habituamos. Mas quem vem de fóra estranha, por força ,o excesso do colorido, o excesso do bistre nos olhos...

— Pódem, tambem, passar ao extremo opposto. Li, ha poucos dias, numa revista mundana, que a parisiense está "maquillando", apenas, os labios. Logo, se a brasileira se interessar por isso, não se pintará de geito nenhum !

Mais duas "poses" photographicas: ainda no salão e outra na sala de musica.

— Tem cantado ?

— Gosto infinitamente da musica. Não calcula como fico triste de ver que ainda se acolhem com frieza os grandes artistas ! Salas vazias, meia duzia de pessoas batem palmas a um violinista de fama, a um pianista emerito...

— Falta de tempo...

— Sim, parece. Não sabemos onde iremos parar. Não ha tempo para cousa alguma. Um prurido de pressa, de muita pressa...

— Vida febricitante. E' a geração do "fox", do "maillot", do cinema, do casamento em aeroplano, do desquite em tres dias... Mas eu lhe digo adeus, e lhe agradeço...

— Por favor, não me agradeça nada. Se me falasse em musica, isso que nos toca a alma e suavisa os sentimentos... Se me falasse de "Caritas Social"...

— Sim, decerto, e quando quizer.

Sahi com a promessa de me ser permittida uma grande reportagem na sociedade que Léa Azeredo da Silveira patrocina com o brilho do seu nome e dirige com a lucida intelligencia que a distingue.

ALBA DE MELLO

Senhora Léa Azeredo da Silveira

PETROPOLIS

O automovel

A "victoria"

Sahida da missa na Matriz

A ultima penitente

Sahida da missa na Matriz

■ ■ ■

ONDE O CALOR NÃO CHEGA

Um risonho par de veranistas

■ ■ ■

Petropolis inaugurou officialmente o seu verão. Sua Ex., o Dr. Washington Luis, subiu a serra num dia e no outro era bem maior o movimento nas ruas da linda cidade serrana. A' hora da missa a grande igreja matríz se encheu de devotos e mais de devotas que chegavam em bellos Lincolns e majestosos Packards de oito cylindros, ou então, em leves "victorias" e "charrettes", lembrando a Petropolis de 30 annos passados. Entre os perfis elegantes que se recortavam na meia tinta do templo, reconhecemos silhuetas já vistas aqui na missa das onze na Matriz da Gloria ou na das doze na Candelaria.

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

Depois, na serenidade da tarde luminosa grupos de moças e rapazes passeavam, ou algum parzinho de jovens descansava apoiado á amurada vermelha das pontes de madeira que bem podiam ter, como a de Veneza, o appellido de Ponte dos Suspiros... e dos Sorrisos tambem. Petropolis inaugurou sua estação estival. O "hall" dos hoteis rumoreja de hospedes elegantes. A "Cremerie" palpita de uma vida nova, e nos canteiros das ruas e jardins as hortensias azues, lilazes, roseas põem uma nota suave de côr no verde escuro da folhagem.

Tão cedo ali não se verá o "russo"... — **W.**

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

Sobreviventes

POR

Victor Forbin

A hora da prêce junto da imagem da deusa "Sól"

Provavelmente os indigenas que vivem em logares diametralmente oppostos aos nossos, são bem mais approximados de nossos avoengos da idade da pedra, pelo seu modo de existencia e sua psychologia, que nós mesmos. Esta é a reflexão imposta aos que lêm "The Australian Aboriginal", volume de mais de quatrocentas paginas copiosamente illustradas, que seu autor, Dr. Herbert Basedow, enviou-me de Adelaïde, nova capital, nome bem francez, da Australia do Sul. Elle passou muito tempo recolhendo impressões, tradições e feições da indole dessa raça estranha, no contacto da qual H. Basedow passou trinta annos. Raça que se extingue rapidamente, sendo grande o numero dessas tribus apenas representadas pelos seus nomes.

* * *

Com o pretexto de que os aborigenes autralianos ignoram o porte de qualquer roupa; que elles não usam siquer a tanga dos negros africanos, seria commettida uma injustiça, fallando-se delles como da raça mais retardada dos tempos modernos.

Os indigenas da Terra do Fogo, os de uma parte do Canadá e alguns agrupamentos da Africa Central, India, Ceylão, Siberia, occupam na gradação da civilização, os negros inferiores aquelles que podem designar áquella raça. Os indigenas australianos têm a seu activo muitas invenções que não são encontradas noutros logares. Uma dellas então é duma maravilhosa ingeniosidade: é a "boumerang", que a industria européa nunca poude imitar, que bem poucos brancos conseguiram apprender a manejar, jamais igualando á destreza delles.

Explicarei brevemente em que consiste esse objecto, que os negros da Australia fabricam em varios modelos, uns, servindo a armas de guerras, outros, de caça; os primeiros, attingindo a um metro e meio de comprimento.

E' uma peça de madeira dura, talhada á maneira de uma cimitarra, cujos bordos convexos foram afinados como laminas.

As duas sobrefaces apresentam uma serie de relevos e planos que não são effeitos do acaso, muito pelo contrario, calculados para a boa marcha do apparelho. Arremessado com força e de uma certa maneira, o "boumerang" descreve no ar curvas incriveis, parecendo avançar para uma direcção differente daquelle que alvejaram. Ahi está a simulação, pois em seguida, abandonando seu vôo vagabundo, ella se precipita com tal força sobre o homem ou animal que causa ferida mortal.

* * *

Alguns modelos, depois de descreverem sua serie de curvas, voltam ás mãos de seus atiradores. Só esse assumpto requer todo um artigo, mas devo abandonal-o aqui, por ter de continuar a rapida analyse do bello livro do Dr. Basedow.

Segundo sua opinião, essa raça que todos suppunham originaria da India, representa os sobreviventes da população de um grande continente desapparecida que, atravessando a actual situação do oceano indico, ligava a Australia á Africa. Essa surriba teve logar mais ou menos no começo

Guerreiros

Cerimonia de iniciação que consiste numa sangria.

do periodo quaternario. Os aborigenos, australianos teriam sido isolados do resto do mundo desde 20 ou 25 mil annos, hypothese que será confirmada por numerosos acontecimentos.

Anatomicamente, elles estão claramente separados de todas as outras raças humanas, e é erro apparental-os aos negros. E' verdade que têm a pelle muito escura, mas essa cor é superficial-os. Depois de mortos, quando o cadaver fica exposto algumas semanas ao sol e ao vento, a epiderme escamada, formando uma pellicula amorenada, deixa apparecer a pelle branca. Os recemnascidos têm a pelle bem clara.

* * *

Essa raça, que vive quasi que exclusivamente de productos da caça, não tem outra religião que não seja o culto de mysterios, genios que regulamentam a distribuição da caça.

O culto envolve-se de cerimonias que as photographias do Dr. Basedow não dão mais do que uma incompleta idéa, mesmo porque umas se dão á noite e outras, como a da iniciação dos moços e moças nos segredos da tribu, não poderiam ser descriptas, mesmo abusando de termos latinos.

Mais uma vez verificamos que a existencia das raças primitivas está longe de ter o encanto bucolico que lhes attribuem os sonhadores.

A idade do ouro, como proclamou justamente Saint-Simon, não está atraz de nós.

DIFFERENÇA DE PRISMAS

QUANDO Mario de Almeida sahiu da Pensão Veneza, onde morava, no Flamengo e corria a tomar o omnibus para a cidade, deu uma violenta topada com o pé esquerdo.

— Azar! disse ainda com o pé erguido, sentindo a dôr que não durou muito. Dia 13 e sexta-feira. Se podesse, não sahiria hoje, resmungou ainda.

Tomou, porém, o omnibus. Um omnibus cinzento (porque não lhe appareceu um omnibus verde ou vermelho? Ha tantos!) e veloz. Sentou-se e veiu abstrahidamente vendo os banhistas que passavam, envoltos em roupões, deixando ver pedaços de pernas cabelludas como as dos uçás, pernas finissimas, grossas, em arco; e passavam tambem mulheres repolhudas ou franzinas, de toucas multicôres, roupões escandalosamente abertos, mostrando seios duros ou flacidos, mal escondidos nos 'maillots" frementes e pernas lisas como espelhos e por vezes de esculptural modelagem. Bem feitas pernas. E olhando á direita, na corrida do omnibus, Mario de Almeida via o mar serenissimo, os morros longinquos da outra banda, o Casino, o Monroe, o obelisco da Avenida, canudos de arranhacéos, a cidade. Ficou com os olhos presos no mar, em cujo dorso verde o sól punha scintillações brancas e tremulas.

— Hoje vae ser um dia de azar! disse comsigo mesmo, fechando os olhos, como na iminencia de uma catastrophe.

O omnibus, abandonando os jardins novos, entrava na Avenida.

No escriptorio, á rua da Alfandega, Mario de Almeida entrou de má cara. Macambuzio. Quasi não falou com os collegas. Emburrado. Sentou-se á secretaria, deante dos papeis que tinha de informar e resolver e estendeu o olhar sobre os objectos, absortamente. Nos moveis, nos ventiladores, nas folhinhas, no relogio, nos telephones, no tecto.

Na sua cabeça os pensamentos dansavam macabramente. Ou se adormeciam como uma lagôa morta. O dia ia correndo, porém, sem novidade.

— A nuvem passou, murmurou a si mesmo.

Ao entardecer, já os demais collegas sahiam, quando lhe veiu uma idéa: telephonar para Cinira Freire, sua amada. Ella lhe dissiparia o resto de melancolia que lhe crepusculava a alma.

Tirou o phone do gancho e esperou. Collocou após o dedo no orificio do disco, correspondente aos numeros 4-3258 e fel-o girar até o dedo encontrar o gancho de parada.

— Allô...

— Prompto.

— Oh! que felicidade. Como vae você?

— Bem.

— Vamos, então, ver o "Rio-Plaisirs" da Cocktail Nights?

— Não sei... (displicentemente a voz dissera: não sei...)

— Como você não sabe? Não combinamos que iriamos hoje ao Casino?

— Ha tanta coisa que se promette... Prometti hontem, hoje não posso ir mais. Vou com a Cordelia de Paiva ver os palhaços do circo Holdelnn, na esplanado do Castello. Você ainda não viu?

— Palhaços?

— Sim. Os do circo Holdeln, dizem que são admiraveis. Divinos. E contam cada coisa engraçada...

— Então não iremos ao Cocktail Nights?

A pergunta ficou no ar. Sem resposta. Do outro lado a voz teve uma syncope.

Mario de Almeida quiz dizer qualquer coisa á telephonista. Na falta da telephonista disse mesmo aos numeros mudos do disco.

Emquanto não discava outra vez, relampagou uma duvida na sua alma. Cinira Freire...

Tirou o phone, girou cinco vezes o disco.

— Allô... Cinira?

— Sim.

— Que raio de apparelho!

— Agora é assim. Com os telephones automaticos foi peior.

— Então não iremos ao Casino?

— Não. Nem hoje nem amanhã. Deixaremos para depois...

Cinira falava com enfado, com uma certa ironia disfarçada, que o outro bem estava comprehendendo. Parece que o estava, porque logo disse:

— Estou notando que você hoje não é mais a mesma. Está differente...

— Differente, eu?

— Você acha graça?

— Enorme. Eu, differente... E o que queria você que eu estivesse?

— Hontem você não era assim...

— Não era. Nem podia ser. Nada para nos enganar tanto como as paixões. A illusão das paixões. O que nós ironicamente chamamos paixões. Aliás, a enganada foi eu mesma. Para que me serviria um amor de toda a vida? Que coisa horrivel e monotona um amor a unir dois seres pela existencia inteira! Eu não gosto dos amores que se prolongam como as fitas em serie... como a estrada Rio-Petropolis...

— Mas, Cinira...

— Eu não leria nunca o

Rocambole. Gosto das revistas illustradas, em cujas paginas ás vezes só leio a legenda, sem olhar o texto.

— Mas, escuta...

— Havia entre nós dois, uma differença sensivel. Eu, evidentemente inculta e frivola, estouvada; você, romantico e intellectual...

— Não comprehendo nada do que você está dizendo.

— Foi o seu intellectualismo que matou o nosso affecto. Um amor que dura seis mezes é uma cruz pesada que se carrega.

— Você viu isso muito tarde...

— Talvez. Mas sempre vi. Você não veria nunca. Foi a differença no ver e sentir as coisas, a differença dos prismas por que viamos e sentiamos a vida, que me arrastou á renuncia da minha affeição. Eu não serviria jamais para você...

— Cinira...

— Jamais. As pessoas que se procuram devem ser iguaes. E nós somos tão differentes!

— De maneira que...

A voz de Mario de Almeida reflectia magua e surpreza. Pasmo. Angustia. Queria responder uma porção de coisas, exprobar o procedimento de Cinira Freire, insultal-a, offendel-a. Não lhe sahia da garganta, porém, uma palavra siquer. Ao envez de provocal-a, foi elle quem buscou pôr termo á conversa, dizendo:

— De maneira que...

— Não devemos continuar. Não vale a pena. Você me perdoará tudo, porque sempre foi bom para mim. Perdoa, sim?

Mario de Almeida não sabia o que responder. Não tinha força de raciocinio. Não pensava. Qualquer impeto que pudesse ter, seria agora inutil deante daquella voz macia que lhe pedia perdão.

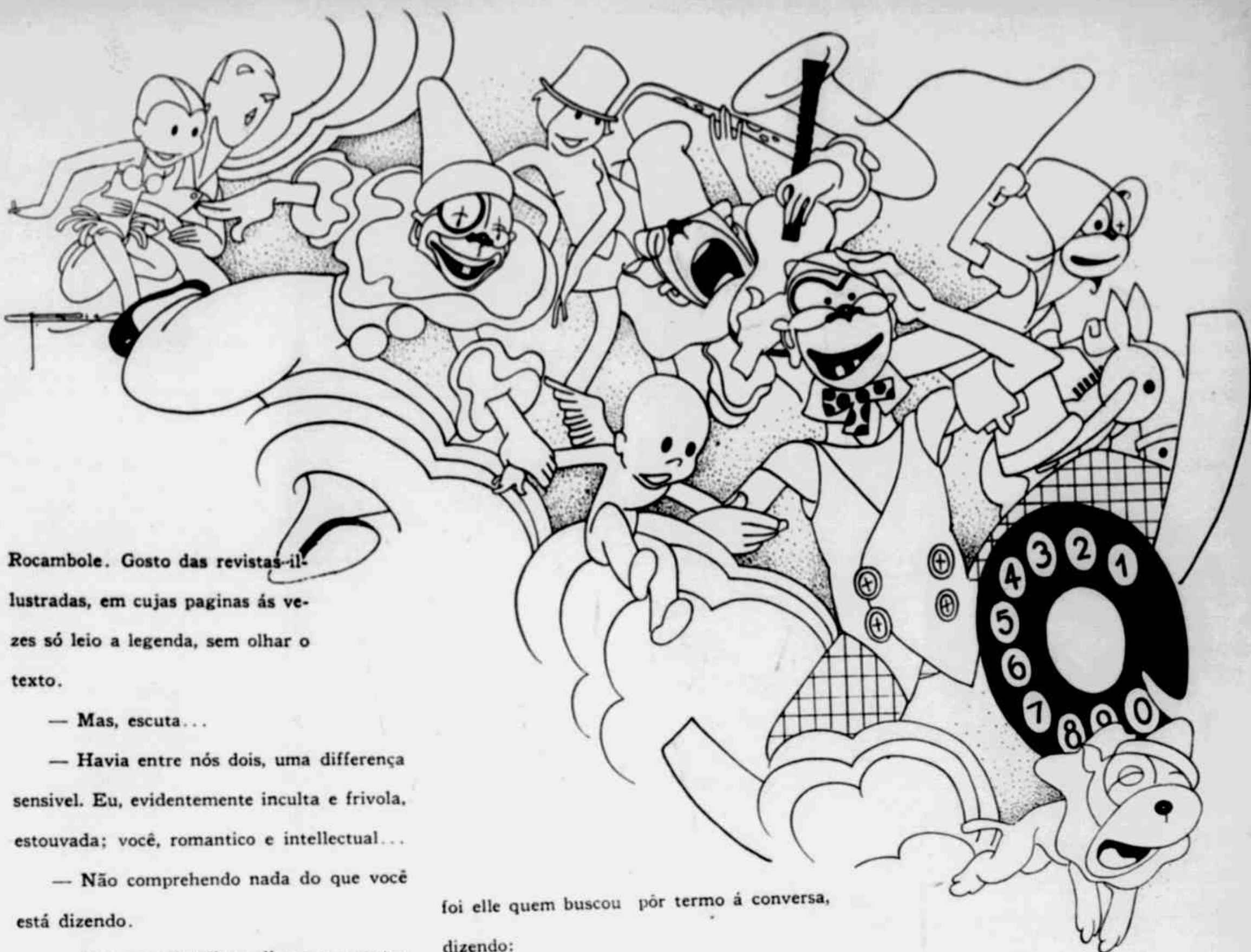
— Perdôo, sim.

Insensivelmente poz o phone no gancho. Levantou-se. O escriptorio estava deserto. Ermo. Na porta apparecera pela quinta vez o continuo, ansioso por sahir.

Mario de Almeida arrumou ligeiramente os papeis, fechou as gavetas, poz as chaves no bolso e sahiu.

— Dia de azar! foi a unica exclamação que teve naquelle instante da tarde aziaga de sexta-feira, dia 13...

O Clarão que Illumina os Olhos do Ceguinho . . .

De Barros Vidal

NÃO ha quem não se commova, vendo aquelle cégo triste que anda pelas ruas, puxado por um cachorro que se lhe prende ás mãos por uma corrente fina. Aquelle pobre animal, para a vida sem luz do pobre homem, é um pouco mais que um commum guia de cégo e um pouco menos que um protector, porque não só lhe conduz os passos atravez a cidade, como o ajuda a viver, chamando a attenção e prendendo a curiosidade dos que lhe passam perto e se detêm, surpresos, ante o estranho conjunto que elles formam.

Realmente impressionam os dois amigos porque quasi todos os bilhetes de loteria que o homem tem para vender, se espalham nas costas do cachorro, e isso com tal cuidado que a gente se convence que elles fôram ali postos por mãos illuminadas. Mas isso não acontece, entretanto. E' o proprio cégo que, tacteando, antes de deixar o casebre em que esconde a sua miseria, arruma os bilhetes no seu mostruario ambulante, convicto de que ha de vencer mais pela originalidade do que pela compaixão que a sua condição de cégo possa inspirar.

E assim lá de longe, vem elle andando, provocando curiosidades e commentarios e tudo por causa da fidelidade, da resignação e do heroismo do animal que — vê-se — tem a preoccupação absorvente de attrahir a attenção dos outros porque, mal pára alguem perto do guia. Este pára tambem, na esperança de ficar com menos um bilhete nas costas e o patrão de soffrer menos um dia de fome...

* * *

O instincto de bem servir o homem que lhe confia a vida e a fortuna miseravel que se resume numa duzia de bilhetes de loteria — levou o cachorro a aprender os segredos do transito das ruas, de modo a atravessal-as com desembaraço e sem atropelar os transeuntes que se lhe cruzam. — A tal extremo o cachorro levou esse apuro de—por que não?—observação que, como um motorista, obedece a todos os signaes dos inspectores de vehiculos no cruzamento das ruas.

Se o signal é de parar elle se detem como se obedecesse a uma força mecanica e se dá passagem livre, avança na sua marcha de sempre, arrastando o desgraçado em cuja vida substitue os olhos que lhe faltam...

O cégo nem precisa do bastão para apalpar o caminho...

* * *

A's oito horas e meia da manhã, invariavelmente, o "cégo do cachorro" — appellido que a irreverencia popular lhe deu — atravessa a rua Gonçalves Dias até a rua do Ouvidor, seguindo por essa até ao largo de São Francisco, onde se deixa ficar uma hora a fio, o inseparavel amigo á frente, os olhos supplices erguidos para os que passam.

Lá para as dez horas, o céguinho avança de novo, rua do Ouvidor a dentro, seguindo pela calçada, docemente arrastado pelo companheiro bom que abre claros na multidão. Na esquina da Avenida Rio Branco elle pára, mais uma vez, ahi ficando pela rua dos Ourives abaixo e acima, até que desapparece para reapparecer ao sol escaldante da uma hora da tarde, no Largo da Carioca. Se a manhã lhe corre com felicidade e das costas do animal desertam os bilhetes expostos, elle os renova sempre, na preoccupação de reunir mais uns nickeis para mais attenuar as suas angustias e todos os seus desesperos. Dias ha em que o céguinho volta sorrindo e o cachorro, alegre. Outros, porém, elle segue, de vagar, a maior tristeza na physionomia e o cachorro o desanimo maior nos olhos...

* * *

— Então como vae a luta?

— Vae assim, assim... respondeu o cégo abanando a mão direita e apertando mais, com a esquerda, a corrente do cachorro...

E os negocios?

O cégo, sacudiu a cabeça e respondeu sorrindo:

— Negocios de cégo só podem andar em trevas... E, olhando o amigo, todo vestido de bilhetes de loteria:

— Emfim, se não fosse este camaradão!...

— Ha quanto tempo vive assim?

— Assim como?

— Assim, vagando nas ruas com esse guia singular...

— Ah!... Ha dois annos, pouco mais ou menos...

Vencendo uma pausa, elle indagava agora:

— Afinal, para que o Sr. me está fazendo tantas perguntas?

E ouvindo-nos:

— Digo-lhe tudo que quizer, mas, por amôr de Deus, não tire a minha photographia...

E declamando:

— Tire antes a do meu querido José...

— O cachorro?

— Sim.

Nestes dous minutos em que nos detiveramos para envolver o céguinho nas nossas perguntas e em todos os anseios da nossa curiosidade, não foram poucos os transeuntes que pararam em nossa frente, mergulhando o olhar na extravagante indumentaria do animal.

Indifferente aos que nos rodeavam, o céguinho continuou conversando comnosco e dizendonos que o logar da cidade que mais aprecia, por lhe ser o mais rendoso, era aquelle em que palestravamos — o cruzamento das ruas Uruguayana e Ouvidor...

— Tem sorte aqui?

— Muita...

— Então, em vez de estar rodando, páre aqui...

E elle, rindo:

— Não. Isso cansa...

O pobre homem, que até aos quinze annos de idade teve luz nos olhos, nos mesmos olhos cujos lampejos se apagaram a um golpe da fatalidade que o envolveu num triste accidente, nos abria agora, a alma de par em par, para as mais longas confidencias. Cégo aos dezeseis annos, elle teve de deixar o humilde logar que occupava numa modesta officina de ferreiro para ficar, os braços cruzados, em casa de um parente que em pouco veio a morrer, perdendo o unico abrigo que lhe restava. Ernesto Guedes — esse o seu nome — começou uma nova vida que ainda não conhecia, de privações, dissabores e vicissitudes, tudo supportando com resignação e heroismo. Como acontece á maioria dos cégos que não encontraram, um dia, mão generosa que lhes ensinasse o caminho das casas que reunem esses desgraçados para instruil-os e preparal-os para a luta da vida — Guedes veio para o turbilhão das ruas pedir esmolas. E, confundindo-se com os vagabundos que se fingem de cégos e de mendigos para viver sem esforço, elle vinha amargando, paciente, esse pedaço do seu destino, cruel e torturante...

Assim, nada menos de vinte e dois annos se escoaram, mantendo-se elle inalteravel na sua resignação, inabalavel na sua ardente fé de vencer e persistente na sua dourada esperança de vir a conhecer dias melhores...

E, emocionado, pondo um grande pedaço da alma na phrase:

— Vinte e dois annos como ninguem soffreu!

E deixando escapar um soluço:

— Basta dizer-lhe que só de uma vez passei trinta dias sem pôr um pedaço de pão na bocca!...

* * *

— Como foi para o "José" apparecer-lhe no Destino? — indagamos-lhe, agora, que elle arfando, silenciava.

O cégo ergueu a cabeça para o alto, e certo, se tivesse olhos fixaria o céo, para responder:

— Deus! Foi Deus que m'o mandou!...

E contou então que um dia, passando pela rua Senador Dantas pisou um cão que ganiu dolorosamente. O cégo apiedou-se do

(*Termina no fim do numero*)

Durante o baile que se realizou em Nictheroy para festejar a collação de gráo dos bachareis formados em 1929 pela Faculdade de Direito da capital vizinha.

O Presidente Manuel Duarte agradecendo as homenagens que os novos bachareis prestaram a S. Ex. no dia da collação de gráo.

O Club Central realizou a linda festa quando deu pósse á sua directoria deste anno.

Brasil, meu Brasil querido, você é tão grande ! Diga-me: — você conhece Ipaussú ?... Não conhece ? Que pena ! Mas não faz mal. Eu lhe conto. E sei que você vae se orgulhar della...

E' uma cidadezinha garota. Mimosa e simples. Fica longe. Muito longe de São Paulo. Afigure-se ser você um grande cofre de pedras preciosas. Ella é apenas uma perolazinha esquecida... Mas se você a estudar bem, muito bem, ha de fazer uma descoberta. Essa pedrinha de rara belleza guarda um outro thesouro. Uma esmeralda mais verde do que a esperança e mais preciosa do que tudo neste mundo ! Quer ficar cégo com a seducção que tem essa pedra exquisita e rara ? Então, ouça:

Era uma vez uma menina que sonhava. Longe, muito longe de São Paulo, olhos fulgurantes e riso perturbador, tinha, ao lado da sua alma de anjo, um coração mais macio do que setim.

Esperando Didi Viana

A historia della ? Toda, um poema de belleza rara. Cresceu. Deixou as meias curtas e esqueceu como é que se pedia "foguinho" ao "seu vizinho"... Afagada, sempre, pelo carinho intenso dos paes, nunca foi contrariada. Mas, nunca foi menina travessa e nem moça cheia de vontades. Era meiga e perfumada como um raminho de heliotropo ! Apenas tinha um capricho: conversar com a madrinha, uma estrella bonita e brilhante que sempre vinha piscar defronte á janella do seu quarto de dormir... E, noites afóra, gargantas ao longe soluçando palavras de valsas de amor, violões mornos e abafados, nada ouvia. Deixava cahir o rostinho entre as mãos e, contemplativa, punha-se a conversar com a madrinha, a estrella mais bonita do céo...

— Estrellinha... Você me quer bem ?... Vamos, não pisque ! Diga ! Devo tentar ? Não errarei ? Sou tão alegre ! A vida se me afigura uma primavera sem fim. A felicidade parece ter sido sempre a embaladora do

Tomando o automovel que a trouxe de São Paulo para o Rio.

DIDI VIANA

Ella não conhecia o mar, o mar teve muito prazer em conhecela.

meu berço e dos meus sonhos ! Você está vendo este traço que tenho aqui ao canto dos meus labios ? E' a marca de alegria que a felicidade gravou com os melhores e mais constantes sorrisos... Estrellinha, eu quero ! Tentar, ao menos ! E, lembre-se. Nunca ninguem me contrariou...

Passaram-se luas. E embora ás vezes noites brumosas toldassem o brilho da estrella, nunca ella deixou de brilhar para o coraçãozinho esperançoso da menina "boazinha"...

E, assim, chegou á idade em que ninguem mais lhe podia falar sem ter vontade de a tocar... E, ahi, não mais soube resistir ao impeto febril do seu sangue quente e imperioso de brasileirinha. Procurou Mamãe. Levou-a para perto de Papae. E, emquanto ambos ouviam, o sol se ia e a estrellinha vinha, sorrateira, espiar e ouvir...

— Mãezinha ! Meu Pae ! Quero seguir o impulso do meu coração ! Preciso. Lembrem-se que jámais morreu

No Cinearte Studio

um sorriso ao canto dos meus labios ! Sinto-me attrahida, fascinada, dominada por uma só vontade: — ser artista de cinema. Quero ser uma das vogaes dessa linguagem maravilhosa que agora até brasileiro já fala, deixam, não é ?... Posso ir ?... Posso escrever ?... Offereço a minha juventude e os dons que Deus me deu ?...

Pensaram. Deixaram. Seria, para elles, a ausencia um vazio nas suas almas. Mas poderiam negar ?...

No dia seguinte, ella escreveu. Dentro de uma photographia enviou apenas o esboço da sua real formosura. Apenas o traçado inexpressivo do seu corpo divino e da seducção fóra do commum da sua personalidade impregnada de attracção genuinamente brasileira ! E esperou. E esperou.

Uma noite, não havia lua.

— Estrellinha, aonde está você ? Eu ainda acabo chorando... Eu ! Que nunca derramei uma lagrima só ! Eu, que só conhecia o sorriso e a alegria ! Será que você me desamparou, estrellinha ?

Primeiro e segundo teams do Icarahy e segundo do Guanabara, que tomaram parte no campeonato de waterpolo da cidade

No dia seguinte, cantarolando despreoccupada, a menina feita de fogo tratava do lar de seus paes.

— Didi ! Oh, Didi !...

— O que ha, Mamãe ?...

— Venha aqui, minha filha. Está aqui um moço que a procura !

Ella foi. Seria o pharmaceutico ? O photographo ? O poeta ? Não ! Não era. Diante della, curiosa, estava um rapaz cheio de poeira e com 26 horas de esfalfante viagem sobre os hombros. Entregou-lhe um cartão.

— CINEARTE. — Pedro Lima.

— O senhor...

— Você é Didi Viana ?

— Sou sim. E o senhor... E' o Operador ?

— Não. Sou do CINEARTE, é exacto, mas o que me traz aqui, Didi, é, talvez, uma grande satisfação para você. Trago-lhe o convite para "estrellar" "Saudade".

— O que ?...

— Sim ! Ser uma das principaes artistas de "Saudade", o film CINEARTE da Benedetti !

— Estrella, eu ?

E, na sua alma, naquelle instante, houve um entrechoque tremendo de emoções varias. Alegria. Estupefacção. Loucura. Felicidade. Ella nem o sabia ! ! ! Tudo junto. Uma a uma. Todas em "cocktail" ! E um zumbido tomou-lhe os ouvidos ainda resoantes com as phrases ouvidas.

— Mas... Será possivel ? Mamãe, a senhora ouviu o que elle disse? Estrellar... "Saudade"... Benedetti... Mamãe, me belisca, sim ?

— Didi, você vae para o Rio. Vae ganhar a popularidade. Vae ser uma das novas estrellinhas do Cinema Brasileiro !

Houve reboliço. Offereceram o sofá. Uma cadeira e outra de balanço. Acabaram sentando-o em outra muito differente. Didi não parava. Tremia. Vibrava. Sentia calor. Batia os queixos de frio ! Andava. Tomava um gole dagua. Bebia um copo todo. Jogava agua fóra. E ia ouvindo o sonho da sua vida pelas phrases que o rapaz lhe dizia.

— Papae !

Chegava um senhor sympathico e bonacheirão. Pae como poucos, sem duvida. Desses que preferem, por certo, um bom casamento á uma carreira cinematographica, mas que sabem respeitar a vocação de um filho, o thesouro mais precioso que qualquer joven sempre traz dentro do coração cheio de esperança !

Concordou. — Está bem ! — Mas ponderou. Mas indagou. Ouviu commentarios.

— Seu Viana, não deixe ! O Rio é ratoeira... E Didi é bonita !

Ouvia outros. Ouviu as propostas do enviado homenageado e sentia os afagos das mãos macias da sua filhinha.

Vieram depois os curiosos. Vieram as visitas. Espalhou-se pela cidadezinha toda a noticia.

— Didi vae ser artista de Cinema Brasileiro na Capital do Paiz ! O rapaz do CINEARTE ahi está ! O Pedro Lima ! Em pessoa ! Que colosso ! Ipaussú vae passar para o ról dos logares conhecidos !

E Marietta soube. Marina tambem. Dulce e Alzira. Julieta e Carmen. Todas. Soube tambem o João. E o Antonio e o Joaquim. Todos exhultaram. Houve muito coração apertado e muito verso de "adeus" já preparado. Mas o facto é que todos sorriam vendo a alegria doida de Didi. Ella não cabia em si de contente. Sentiu, naquelles minutos, toda a berrante loucura de uma sensação estranha. Cinema... Todo o ideal de sua vida ! Viver historias de amor. Ser a heroina de uns contos bonitos e delicados. Transmittir ao publico das platéas brasileiras todo o fogo e toda a graça da sua mocidade quente e toda a alegria do seu riso de ouro ! Sonhava. Sorria. Vivia as horas mais felizes de todas quantas passára até então !

Depois foram mostrar ao "moço" os logares mais bonitos da pequenina e gostosa Ipaussú. Mostraram-lhe o rio sinuoso e romantico... E umas paizagens, pinturas notaveis da natureza... Mas elle não via. Ou antes. Via, sim, romanticos e notaveis os olhos e a graça de Didi...

Depois houve homenagens. Pedro Lima só faltou ser chamado de fada. E quando, horas depois, o trem partiu e o ultimo adeus foi um — até logo ! até ao Rio ! — houve, na sua alma de creança feliz, um estupor entorpecente e só possivel como consequencia de uma grande emoção. Cessaram os — bravos ! — os — muito bem — os — felizarda... — Cessou tudo. Veiu o silencio absoluto e ella recebeu a benção dos seus paes.

Ajoelhou-se aos pés da cama. Rezou.

— **Pae do Céo ! Eu... estrella?...** Meu Paezinho, como te agradeço e como te quero bem !

Fechou a luz. Abriu a janella. Um raio de luar galfou pela fresta. Didi olhou. Procurou. Sim ! Lá estava ella ! A sua estrellinha. Longe, muito longe, piscando-lhe e dizendo:

— Didi ! Estás contente commigo ? Atira-me um beijo !

E Didi, a esmeralda de fulgor estranho que dá maior valor á perolazinha Ipaussú, não sorriu. Chorou ! Mas as lagrimas, escorrendo-lhe dos olhos, cochichavam para os perfumes que subiam das flores:

— Não a perturbem ! Deixem-na chorar ! Foi tanta a sua alegria, tanta, que, coitadinha, teve o coração transbordado e nós tivemos que fugir de lá...

E agora, Didi já está no Rio. Já principiou "Saudade", uma historia linda de amor... Ella é a maior revelação do Cinema Brasileiro.

Brasil, meu Brasil querido, você está contente com Ipaussú ?...

OCTAVIO MENDES.

Primeiro e segundo teams do Internacional e um grupo apanhado antes das provas, domingo, na Praia de Botafogo

Praias deste mundo e do outro mundo também

Costumes de verão junto do mar apresentados por Joan Arthur e Lilian Roth que vocês conhecem de cinema.

O Lido vae inaugurar aqui as reuniões em pyjama e outros trajes menores, que antigamente nem em casa a gente

Na Ilha do Governador, a Praia da Freguezia tem agóra uma

freguezia bonita. Chiquinho Boia anda boiando lá.

Em Portugal, na praia de Monte Estoril, que é a praia mais elegante do paiz do senhor Julio Dantas, em Julho, Agosto, Setembro, Outubro, a gente de Lisboa vae respirar o ar saudoso do velho mar amigo dos Lusiadas. E as creaturas do logar fazem festas bonitas, principalmente na Costa do Sol, onde o concurso de embarque de rêdes todos os annos é uma surpresa.

Fachada do High-Life na rua Santo Amaro

O High-Life nas tradições do carnaval carioca

Approxima-se o sabbado gordo, dia em que Momo, surtindo de invisibilidade que lhe é propria, se disseminará pelas turbas, pondo na alma de cada folião uma particula da sua jovialidade communicativa. Quatro dias de loucura. Quatro dias apenas, mas durante os quaes esqueceremos a mazorrice e a taciturnidade da vida.

Activam-se os preparativos para a recepção da divindade pagã, cujo prestigio tem resistido á força innovadora de todos os habitos e costumes. A evolução que tem mudado todas as preferencias, pouca influencia tem tido nos caracteristicos tradicionaes do Carnaval carioca. Este apenas se amolda melhor, de anno para anno, ás condições de finura e bom gosto exigidas pelo avanço da civilização.

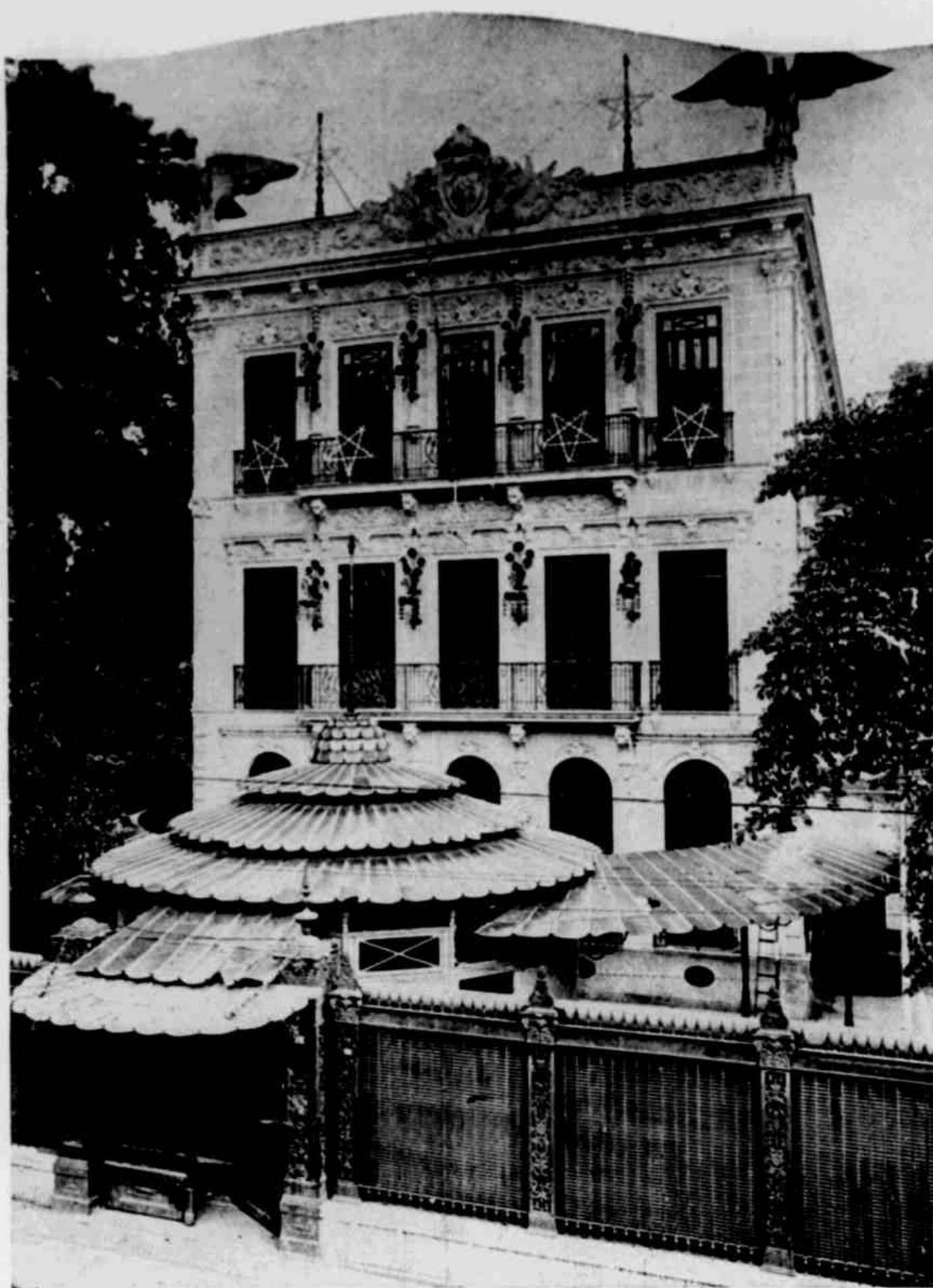
Os grandes salões se enfeitam, engrinaldando - se para os sumptuosos bailes á fantasia, que constituem a attracção maior para a elegancia metropolitana, para o Rio "smart".

O High - Life Club deixa prever, no seu vasto e majestoso palacio da rua Santo Amaro, noitadas que marcarão horas de ouro na vida mundana da cidade. A sua directoria, encorajada pelo exito dos bailes dos annos anteriores, está dispendendo esforços de toda ordem para que os seus salões possam receber de um modo excepcional, no Carnaval proximo, o que o Rio tem de mais representativo em todas as suas classes sociaes.

A casualidade mostrou - nos ha dias, ao passarmos pela rua Santo Amaro, entreaberto, o portão de entrada do High-Life. Não vencemos a tentação de bisbilhotar, lá por dentro, alguma novidade... Fomos entrando sorrateiramente, medrosos de sermos surprehendidos no nosso impeto de curiosidade. Logo no jardim fomos nós que surprehendemos o viço da grama bem cuidada, o cascateio harmonioso das fontes artisticas, o saracotear da folhagem das arvores, que uma vez pareciam ensaiar os passos lentos de uma valsa, para logo depois, tomadas de subito enthusiasmo, accelerarem o rodopio doido de um samba...

Pensávamos num bosque, morada mysteriosa de Fadas, quando nos despertaram vozes humanas. Adiantámo - nos. Um grupo de homens trabalhavam com fios e lampadas electricas, correndo de uma a outra arvore, e destas para as janellas do edificio, festões que se incendiarão em homenagem a Momo; armavam moinhos que rodopiarão nas noites de alegria, espantando as trevas com os seus longos braços rubros...

Vimos depois os salões immensos do andar terreo e do pavimento superior. A mesma actividade revivecedora. Espelhos que se luzem, candelabros que se limpam, soalhos que se lustram. Sanefas e stores novos, delicados, combinados com a decoração bizarra do tecto. Corremos todo o vasto palacio, esmiuçando-lhe os menores detalhes.

Chegámos ás janellas de um e outro lado, da fachada, analysando e admirando, do alto, o bello e bem cuidado jardim, unico entre as casas de diversões do Rio. Pensámos, então, ou

Recanto do parque do High-Life

melhor, recordámos a delicia do Carnaval no High-Life. O favor immenso que nos fazem os deuses, proporcionando-nos um club assim elegante e assim conveniente á nossa festa popular maxima, com salões que são verdadeiros gymnasios na vastidão, e ainda, para que nada mais tenhamos o direito de reclamar, jardins deleitosos para o refazimento do ar nos pulmões...

Estas as impressões que nas vizinhanças do sabbado gordo nos despertaram uma visita accidental ao High-Life, o club que conseguiu, pelos esforços louvaveis de sua directoria, conquistar a preferencia definitiva da sociedade carioca durante o Carnaval. E esses esforços, cumpre registrar-se, não se revelam só nas exteriorizações surprehendidas pelos nossos olhares curiosos, mas tambem nas excellentes orchestras que se espalharão pelos diversos salões do club, como no serviço de "buffet", organizado com criterio, com "garçons" que parecem, nessas noites de simulação, fantasiados de cavalheiros...

Jardim

Na igreja de São José durante as missas rezadas pela alma de Roberto Rodrigues no dia em que passou o primeiro mez da sua morte.

Psychoses do Amor

POR
HERNANI DE IRAJA'

"No Brasil são sem conta as producções literarias que se desenvolvem em torno do Amôr. Centenares de escriptores ruins, mediocres, bons e optimos produziram e ainda produzem paginas e paginas sobre o velho e eterno thema. Ao contrario, sob o ponto de vista scientifico, pouco se tem escripto entre nós sobre a vida sexual, desequilibrios psychicos ou mentaes motivados pelo Amôr e sexualidade".

Assim fala Hernani de Irajá no começo do seu notabilissimo trabalho sobre "Psychoses do Amôr"

Ao quasi nada que existia aqui a respeito do assumpto, Hernani de Irajá accrescentou quasi tudo.

Esse livro de um medico é tambem o livro de um escriptor, de um artista.

A gente o lê de principio a fim com interesse crescente.

Si os termos technicos ás vezes derrapam no entendimento dos leigos, o sentido vae por estrada firme, não perde nunca a direcção.

Hernani de Irajá, estudando os desturbios do Amôr, fez sem querer o romance sem enredo da vida.

Sem enredo e cheio de enredos.

E terminou consoladoramente:

"O Amôr verdadeiro, que é o "unico Amôr", não teme as palavras "espantosas". E' a união mysteriosa da alma com a alma. A velhice estreita-o mais; a morte o consagra e a eternidade o continúa..."

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

O mais impressionante dos meus jogos

POR

Suzanne Zenglen

O interesse dos partidos collocou a meu lado a elite dos concurrentes. Miss Mac Kain, a esperança dos inglezes, jogava estupendamente sobre a relva; Mrs. Lascomte, dotada de fineza incomparavel alliada á sorte e a uma segurança extraordinaria, não dava impressão de esforço; Miss Ryan, jogadora de rede reputada, era perigosa sobre a relva; Mrs. Lambert-Chambers, emfim, de estyo duro e preciso, não offerecia nenhuma fraqueza; tudo executava de maneira impeccavel. Sua technica lhe autorizava a punir immediatamente qualquer erro de seu adversario.

Consegui esperar o final. Muitas circumstancias foram contra mim. Eu não deveria ter jogado, meu estado de saude não permittia, mas representando a "Fédération Française" não me pertencia. Coisa que nunca fiz: fui obrigada a recorrer a reconfortantes que me levantaram aos poucos para enfraquecer-me logo depois. De novo bebia cognac. Seria injusto de minha parte, endereçar-lhe exprobações quando, sómente graças a elle, sustentei-me. Esse foi o mais duro jogo de minha vida.

Começando, ataquei resolutamente. Terminei com difficuldade o primeiro set, ganhando 10 jogos a 8. No segundo set, perdi 4 jogos a 6.

Soccorrida pelo cognac no terceiro set, encorajei-me, mas sobreveiu nova fraqueza e meu adversario jogava firme. Tive 4 jogos a 1. Estava num estado de torpor lamentavel e jogava machinalmente. Mrs. Lambert Chambers ganhava o nono jogo (5 a 4). Igualei em seguida. Meu adversario marcava 6 a 5 sobre seu serviço 40 a 15. Ella não tinha mais do que uma bola para ganhar o jogo. Silencio angustioso cahiu sobre a massa de 15.000 espectadores, quando o arbitro Hylliard annunciou 40 a 15.

Suzanne Lenglen com 14 annos. Em baixo: ella com Miss Helen Wills.

Olhei para onde estava a minha gente. Só meu pae se mantinha de pé a encorajar-me. Recorri a toda minha energia e com violento e rigoroso animo recolloquei-me.

Todas as minhas esperanças, que para mim representavam 10 annos de estimulos, iriam desapparecer nessa bola?

Meu adversario serviu. Devolvi a bola que voltou á rede e terminei com um smash: 30 a 40. No serviço seguinte mandei sobre a linha do fundo, voltando a meio court, terminei obliquamente. Esses dois pontos elevaram a "deuce"

Grande vozerio levantou-se:

"Go on, Kid", gritavam-me os australianos em massa sobre os -tablados.

Refeita a confiança, ataquei forte e ganhei esse terrivel jogo, fazendo 6 para todos. Logo em seguida levantei (7 a 6) e tivemos 7 para todos.

Servi e ganhei 40 a 15, veiu o "deuce", mas ganhava (8 a 7) sobre o serviço de meu adversario. Conduzi fundo para ponta e terminei por um "game love" que me deu 9 jogos a 7, fazendo-me ganhar o terceiro set e, por conseguinte, o campeonato para a França. Pela terceira vez o ambicionado tropheu veiu ás nossas mãos.

Logo depois dessa memoravel partida, fiquei cansada, anniquilada, acabada.

A tensão nervosa foi tal que durante 2 dias não pude abrir os olhos, vivi um verdadeiro *knock-out*, e posso dizer que essa hora de esforços extraordinarios cansou-me para um anno, porque não readquiri o controle de meu jogo sinão para o campeonato de Wimbledon.

Suzanne Lenglen.

As pobres crianças ricas

UM lindo menino de doze annos mais ou menos, uma dessas crianças das quaes se diz, mesmo sem saber a data do nascimento: — Como está grande para a idade!

Caminha com passos irregulares, sobre duas pernas magras, de rotulas salientes. Duas pernas sem barrigas. Meias de lã mesclada com barras dobradas. Sapatos abotinados. O calça curta mostra um pedaço de coxa núa e o casaco pesado completa o encantador conjuncto sportivo. Desde o primeiro encontro percebi que se tratava de um menino elegante, ajuizado ao qual os paes, vizinhos do boulevard exterior, permittem passear com o cão entre onze e meio dia, ao longo do do Bois, com a condicção de não atravessar a rua.

Eu e o meu heróe não somos muito intimos. Mas um joven morador de Auteuil que saiba viver, tem sempre, com as senhoras do seu bairro, uma polidez particular. Habitar, com obstinação, o decimo sexto districto, Passy, Auteuil, significa que a gente quer fugir da multidão, do barulho da cidade e agarrar-se ao manto de verdura cuja orla se afasta, cada lustro, um pouco mais para oeste, roido, se ouso dizer, pelos homens...

Os que vivem no decimo sexto districto possuem ainda um pedaço de jardim, cachorros, bengalas, cachenez, sapatos proprios para caminhar. São pontuaes, quasi maniacos, sahem com chuva e com néve, interessam-se pelas variações climatericas e andam muitas vezes, de cabeça núa. Habitos que todos tomam, inoffensivos e que um *guia*, dentro de pouco, constatará.

O menino do decimo sexto passeia com o cachorro entre onze horas e meio dia. O rosto pallido de lotino, os cabellos pretos, bem cortados e sempre descobertos, dão-lhe um porte altivo, que contradiz a humildade de um corpo do qual os nervos são o unico recurso. O cão — um policial, está claro — ainda não acabou de crescer e já aborreceu o mundo. Magro, pelo menor alarme põe a cauda entre as pernas. A sua cobardia de meio-selvagem, diminuiu a cerimonia entre o menino e eu, num dia em que a minha brabançona de fronte ampla, gorda a ponto de desafiar a má estação, disse ao policial, bem sinceramente, o que pensa, em geral, dos grandes cães. O policial esticou a correia que o prendia, deu tres voltas em torno do dono, enrolando-o como um salame e tudo veio parar aos meus pés. Um momento depois o menino ria, com um riso mundano de criança offendida e a brabançona procurava agradal-o, offerecendo-lhe uma pata e em seguida a outra pata, e ainda a primeira e ainda a segunda...

— Ella é gorda, exclamou o pequeno. Com certeza come muito!

— Muito. Mas, não tanto quanto o seu cachorro.

— Oh! a senhora não sabe, elle está de regimen. Só se alimenta com sopa de pão e legumes

— E carne?

— Carne, não. Não é do regimen.

— Porque?

O menino ergueu os hombros pontudos.

Não sei. E' o regimen.

— Um regimen magro! Si lhe fizessem isso você não ficaria contente!

Elle levantou os olhos severos.

— Eu não como carne. O doutor prohibiu. Não como carne nem tomo vinho.

— Você é doente?

— Não, disse elle, corando. Mas ficarei se comer outras coisas que não sejam purée, massas...

— E frutas cozidas, não é?

Voltou a olhar-me com sympathia.

— Sim, frutas cozidas. A senhora sabia?

— Adivinhei. Tenho uma filha da sua idade.

— Da minha idade? Ella tambem come massas?

— Mais ou menos. Mas dou-lhe carne, peixe, laranjas, ovos, vinho com agua, ás vezes um pouco de champagne...

O menino juntou as mãos como uma mulher velha:

— Oh! a senhora vae matal-a!

Repetia, evidentemente o gesto de alguma senhora da familia. Rebentei de rir e elle corou pela segunda vez.

— Desculpe. E' hora do almoço e...

— E você está com fome. E' natural.

Lembrou-se, de certo, das massas, suspirou e recalcou, por decencia, um bocejo de anoréxia.

— Não muito, oh! não... Adeus, cachorrinha gorducha!... Vamos, Moloch!

Partiram; o menino em busca das massas, o cachorro da sopa de cenouras e de nabos. Quando será que a gotta de vinho e o pedaço de carne irão colorir aquelle rosto infantil e as gengivas daquelle cão esfomeado? Filho de ricos, cachorro de snobs, — eis ali, os dois, no mesmo estado de cansaço e de langor, que tanto nos impressiona nas creaturas trazidas dos paizes devastados pela fome. Em Paris, conheço outros que padecem da mesma maneira. Os jovens cães policiaes do senhor L. D. tombavam de anemia, com a para de pão e as saladas cozidas, quando consegui para elles

Colette escreveu Touchet desenhou

a carne de cavallo prohibida pela moda.

Uma familia americana, minha vizinha, dá, todos os dias, de almoçar aos dois filhos — um de dois annos e outro de quatro — maçãs cruas, cortadas em laminas e regadas com cerveja fresca. Penso muito bem da cerveja e das maçãs; confesso, entretanto, que o emprego exclusivo, substituindo todos os outros alimentos, me surprehende. Usos, usos... Medicos um pouco loucos, manias familiares, receitas de algibeira, que deveremos temer mais, além da phobia perigosa do microbio?

PERFUME DE PECCADO

CONTO DE VIRGILIO BROCCHI. ILLUSTRAÇÃO DE MARCELO ROBERTO

QUE mulher estranha és!...—murmurou elle, ajoelhando-se, deante della. — Então, o que queres de mim?

— Que me creias.

— Como posso crêr, si, mesmo em meus braços eu te sinto de marmore?

De repente, separou-se daquelle homem, como si tivesse ouvido sôar a campainha da porta; depois disse, collocando o chapéo:

— Deve ser o chauffeur.

— Não é ninguem...

— E' elle, sim; e tem razão: ha meia hora que estou aqui. Ama-me muito! Não me deixes partir assim!

Escuta: Si amanhã eu continuar na capital... Não. Não venhas, por favôr! Tenho mêdo de falar para a tua casa; mas, lá pelas onze, telephonarei para o Club.

Adeus, Jorge!

Apanhou os embrulhos, e depois amparou-se nelle, como si lhe faltassem forças para se suster; mas foi só por um instante, pois logo tornou a se separar bruscamente; depois sahiu, fechando a porta atraz della.

Elle correu até á janella; viu que Amalia chegava ao portão, olhava attentamente em todas as direcções, depois subia rapidamente para o automovel e desapparecia pela rua.

Estava envenenado de rancôr e desillusão. Pensou com amargura: "Uma mulher que preparou esta comedia com tanta perfeição deve conhecer muitos segredos do diabo. E eu, estupido, não o comprehendi desde o principio! Agora fui mais imbecil ainda, pois deixei-a ir, e não a obriguei ao que ella esperava, certamente.

A essa idéa que o diminuia, vibrou de raiva; estalou em imprecações contra os seus escrupulos de cavalheiro, de gentilhomem para com uma mulher experimentada e affeita a todas as aventuras.

"Si minha tia me visse descer dum automovel numa rua como esta, seria o bastante para"...

A idéa que, meia hora antes lhe atravessára pelo cerebro, agora parecia mais clara, mais concludente: "Então, em que circumstancias a tia a descobriu, descendo do carro, numa rua como aquella, para depois desapparecer... Onde? Na casa de algum amante. O primeiro, o terceiro, um dos tantos... o..."

Então voltou-lhe á memoria o dia do anniversario de Oriella.

A mesa comprida; elle, entre Amalia e a tia, e do outro lado, enfrente a elles, Oriella e o senhor Ghersi, no mesmo instante em que a senhora Aida, a tia de Amalia dizia: "Você é... um marido; e os maridos têm o dever de não comprehender absolutamente nada".

— Pobre diabo! — pensou Jorge; e então lhe pareceu que a commiseração que sentia pelo marido de Amalia se reflectia nelle mesmo.

Depois continuou a reflectir: No emtanto me agradaria saber que perfidia a obrigou a portar-se commigo da maneira por que o fez!

E' pouco provavel que ella mesma o saiba. O que interessa neste momento e não pensar no assumpto.

Mas uma estranha sensação de vertigem parecia terse apoderado da sua alma; resolveu sahir para melhorar de disposição. Sahiu, atravessou a ponte e logo chegou á ampla avenida. Ia penetrar no parque, quando se lembrou que Oriella manifestára muitas vezes desejos de possuir os desenhos de Goya, reunidos num só volume.

Seus labios sorriram; encaminhou-se por uma das ruas transversaes e entrou numa livraria, emquanto pensava: "Mas o extraordinario do caso é que ninguem notou nada!...."

O livreiro não tinha o volume que Jorge pedia; mas deulhe a certeza de que o teria no dia seguinte, ás onze horas da manhã.

De facto, ás onze, elle tinha que estar no Club, á espera da telephonema de Amalia; mas fez um gesto expressivo com os hombros:

"Será uma razão para não ir..."

No dia seguinte, sahiu de casa ás dez. Caminhava pensando: "O club e a livraria estão tão proximo um do outro, que nada e ninguem impedem que eu vá aos dois logares, ao mesmo tempo".

— Imbecil! Bem sabes que ella nunca telephona.

— E si telephonar?

— Não faz mal. Terá a certeza de que não me interessa nada.

Mas nesse dia esteve de muito máo humor, por motivo da duvida:

Amalia teria ou não tocado? Estaria ainda na capital?

— Si ainda não foi, eu a encontrarei em casa de Oriella, quando levar o livro. Irei ou não? Hypocrita!

Foi... e bem depressa; após o jantar.

Amalia não estava; depois da desillusão dos primeiros instantes, sentiu-se quasi feliz.

A alegria de Oriella communicou-lhe ao espirito uma ineffavel frescura.

Na sala, o piano de cauda estava fechado; a victrola calava; Ainda esperava os convidados e dava ordens á creadagem.

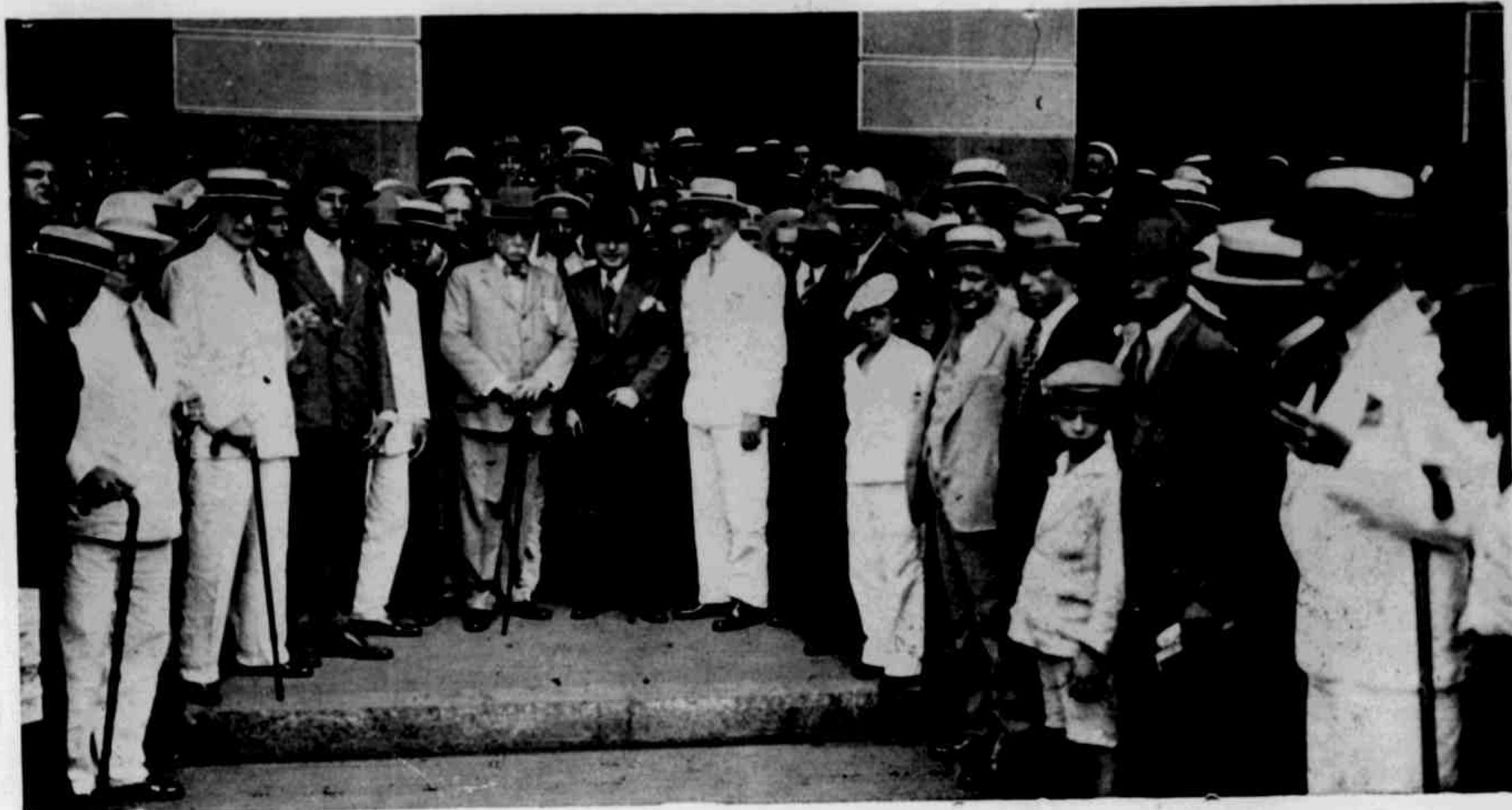
Sentado entre o senhor Ricchiardi e Oriella, Jorge tinha sobre os joelhos um dos volumes que trouxera. Depois do commentario aos desenhos, começaram a falar na vida de Goya, e Jorge poz-se a gesticular e a conversar com essa eloquencia muito sua, que o tornava irresistivel. Chegaram em seguida os amigos e a conversa foi interrompida; mas Oriella poz-se de pé e tomou as mãos de Jorge, fitando-o, sem pronunciar uma palavra.

— Que queres dizer, Oriella?

— Obrigado, Jorge. Pensaste em mim.

— Não sejas tolinha! Si soubesses como eu é que te devo agradecer! Ouve, querida pequena...

— Porque me chamas pequena? Si soubesses como invejo a tua mocidade! Elle moveu lentamente a ca-

(*Termina no fim do num.*)

Chegada do secretario do governo do Estado de São Paulo, sabbado de manhã.

O Dr. Lazary Guedes no Rio de Janeiro

Aproveitando a estadia aqui do senhor Lazary Guedes, as classes trabalhadoras do Districto Federal promoveram uma homenagem ao joven politico de São Paulo. Durante essa festa foi lido o manifesto que os operarios cariocas dirigem ao povo de todo o Brasil. Falaram diversos oradores num ambiente de enthusiasmo. O senhor Lazary Guedes foi visitadissimo no Palace Hotel, onde se hospedou durante os dias rapidos que pâssou no Rio.

No salão do Centro Paulista, durante a reunião promovida pelos operarios.

Da terra da garôa

Enlace do poeta Epicteto Fontes com a declamadora Marilia Escobar Pires. Os noivos e um grupo de senhoritas que marcaram com alegria o destino do novo casal.

Carta de Salvador Roberto

Minha bôa amiga.

De tempos a tempos, como vê, attendo aos seus reclamos e volto a enfastial-a com algumas poucas de linhas. E' verdade! Continúo na terra da garôa, por signal que agora nem sombra della. Estamos atravessando um verão quasi carioca, com uma differença apenas: aqui raramente se passa um dia sem que chova copiosamente, uma dessas cargas dagua, minha senhora, como só nas serras caem. Lembro-me de Petropolis, daquelles annos amaveis, recordo-me do Tennis-Club, dos "Diarios" antigos da praça D. Affonso, da Cremerie Buisson. E vivo! Felizes os que têm boas recordações. Cá por mim, como não ignora, não sou exigente. Os annos passam e, por peores que sejam, sempre conservo algumas saudades. Ainda, agora, na noite de S. Sylvestre, quando o relogio da minha sala de jantar acabava de bater as doze badaladas, as ultimas de 1929, puz-me a considerar.

Lá se foi o velho! Fiau! Fiau! E a garotada — que somos todos nós — corre atraz do ancião, apupando-o, chacoteando-o, apedrejando-o. Surge o pequeno, irrequieto. A mesma garotada dá-lhe vivas, bate-lhe palmas. Estrugem palmas. A' sua chegada ouvem-se gritos de alegria. Viva o Anno Novo! O menino enche-se de vaidades e toma logo ares de "grand-seigneur". Não importa. Todos lhe rendem homenagens.

O velho, esse, coitado, já vae longe. Sumiu-se no infinito. Estamos, emfim, no anno da graça de Nosso Senhor Jesus Christo de 1930!

A humanidade, minha amiga, não varia. Sempre ingrata, voluvel, interesseira, immediatista. "Le roi est mort? Vive le roi!" Os successores, os soes que nascem tudo merecem...

A ingratidão do homem manifesta-se em todas as occasiões solemnes que a sua propria imaginação creou para seu goso e seu supplicio.

Por que, no entanto, esperar que o velhinho se retire do scenario para cobril-o de epithetos irreverentes e de maldições? Que fez elle?

Permaneceu inalteravel, cumpriu a sua missão. Nada mais.

Fomos infelizes durante o seu reinado? A desgraça nos bateu á porta? Tristezas, muitas? Negocios, máos? Luto? Desanimo?

De qualquer modo nossa ambição se queixa. E, então, viramo-nos contra elle aos assovios, aos gritos, aos improperios...

A' meia noite, de 31, apparece o petiz. As sereias cantam enchendo os ares; os foguetes sobem ás alturas na pretensão de beijarem as estrellas; as chaminés apitam, os automoveis entram no côro com as suas buzinas e os seus motores acelerados. O povo nas ruas electriza-se de subito e saúda o illustre e popular Anno-Novo, numa demonstração de subserviencia lamentavel. Todos querem agradar ao que chega, porque não ha quem não tenha suas velleidades e suas esperanças... Todos gritam. Uma barulheira dos diabos. Até parece que se está na ante-sala do inferno. Nos salões "chics" quebram-se taças. O confetti cae em chuva sobre os hombros nús das mulheres. As meninas enthusiasmam-se. Ouvem-se gritinhos. Uma atmosphera propicia ás artes de Belzebuth. O peccado... E ao soar a ultima badalada sonora do anno que se retira triste e desilludido, todos se abraçam, muitos se beijam, os namorados entreolham-se e ha pelles que se attraem em meio da confusão e se tocam. Mil desejos despertam em cada um.

O mundo inteiro áquella hora dir-se-ia enebriado.

E' o proprio ambiente a embriagar.

1930! Mil novecentos e trinta! Mas, com franqueza, por que, afinal, minha amiga, adoral-o, como outrora o mundo adorou o menino Deus aos pés da historica mangedoria?

O homem é uma eterna creança. A novidade tem, para elle, encantos taes que elle perde o senso e lembra um garoto deante de um brinquedo novo.

O pimpolho que tomou o logar do ancião chega a zombar da ingenuidade humana. Eu só conheci uma creatura que zombou do anno novo... Sabe como? Suicidando-se mal elle chegava. Porque os outros todos o acclamam. Viva o anno novo! E' que ha uma esperança. A superstição actua no nosso espirito. Acho que ella sempre conduziu os homens, não acha? Acredita, então, que haja sinceridade na attitude louca da humanidade naquelle instante em que cae o ultimo grão da ampulheta? Não creia. Ha hypocrisia e immediatismo.

O Brasil que ainda não pensa no café

Luiz Geraldo, filho de Dona Margarida Caillet Ferreira dos Santos e do senhor Oscar Ferreira dos Santos, sobrinho de Didi Caillet.

Bento Luiz, filho do casal Bento Soares de Sampaio (Photo M. Rosenfeld)

Po's eu, minha velha e distincta amiga, entrei em 1930, como em 1929; entre sceptico e confiante.

Faço um exame retrospectivo. E concluo: afinal, podia ser peor... O facto é que no anno que findou — eu vivi. As contrariedades — e não foram poucas nem pequenas — não chegaram a abater-me o animo. Rendo graças ao velho, coitadinho, que se foi. Mantenho as mesmas chimeras. As desillusões não me venceram. Crêr para vencer! minha bôa senhora. Viver é lutar e da luta sae o homem com a fibra retemperada. Quantos mais impecilhos se nos depararem na estrada, maior será a disposição, mais forte, para enfrentar os tropeços. Só os fracos recuam. A mudança de anno é uma ficção. Não me impressiona, nem me illude. Não ha porque, por isso mesmo, confiar no anno novo, indecifravel, do que no velho camarada que partiu. Detenho-me por instantes a olhar para traz, com saudade de certo momento e de certas passagens... Mas logo sigo, o destino a guiar-me os passos, revoltado com a irreverencia e a... ingratidão dos homens. Lá vae elle, pobre velhinho, curvado, carregando ás costas o sacco furado das desillusões. Vae tropego e envergonhado. Elle

De Bagé no Rio Grande do Sul

sabe tanta coisa! Elle viu tanto! Conhece tanto a miseria moral da humanidade!... A falsidade, a cupidez, a luxuria, a concupiscencia, a inveja, o odio, a covardia. Tudo isso ficou na terra e permanecerá pelo infinito a dentro!

Bemdito seja o velho retirante que se escapa, discreto e generoso, sem uma lamuria!

E tu, garoto insolente, tu que te apresentaste apoiado pela superstição dos homens, tu que recebeste applausos geraes e que nasceste por entre alegrias e festejos, tu que fizeste delirar tanta gente, tu, não mereces de mim, por emquanto, um sorriso sequer. Minha querida amiga, aos meus labios aflora o sorriso e a desconfiança...

Beijo-lhe as mãos muito lindas, desejando lhe felicidades.

Em cima: senhoras Dr. Guia Vinhas, Dr. Elpidio Jacintho Pereira, Emilio Osorio Grillo, filhas do senhor Narciso Zuñé, da alta sociedade do Estado.

Em baixo: senhorita Zula Paixão Zuñé, filha do senhor José de Olivé Zuñé.

A maldade dos objectos

Palavras de Piérre Mille

Desenhos de Jacques Touchet

QUEM terá piedade de mim? Quem será capaz de ficar junto de mim o dia todo e de noite até que eu adormeça? Não posso mais estar só! Acabo de fazer uma descoberta que me apavora: os objectos, os objectos inanimados, os objectos que imaginamos inertes, insensiveis, cégos e surdos, os objectos são máos e só procuram nos prejudicar.

Não creio que uma unica vez na historia do mundo um homem tivesse encontrado immediatamente o livro desejado e que, minutos antes, quando ainda não era necessario, estivéra bem ao alcance de sua mão. Os corta-papeis fogem com uma rapidez incrivel e sem que se comsiga evitar o desapparecimento. E' provavel que se desmaterialize, como pretendem os adeptos das sciencias occultas e vá depois, por crueldade, reconstituir-se em lugares onde é impossivel que se tenha a lembrança de ir procural-o: a cesta de costura da criada de quarto, debaixo de uma pilha de lenços ou nos bolsos de um casaco que ha muito tempo não se veste.

E' tambem muito raro que a chave abra a porta ou a gaveta. Eis porque é preferivel não fechar nada. Uma porta que fechamos com força, não protesta durante annos, mas no dia em que estivermos apressados, ameaçados de perder um **rendez-vous** importante, um parafuso sahe da fechadura — e prompto! Roupa rasgada, mãos ensanguentadas: o parafuso nos mordeu.

Peço meditarem no que lhes vou dizer. Não foi a pesada porta que se vingou: ella é bôa pessôa; foi o infinitamente pequeno, — o parafuso. Depois de immensas experiencias, durante varios annos, tirei a conclusão que, em linguagem scientifica, é a seguinte:

"A perversidade dos agentes exteriores está na razão directa da sua inercia apparente e na razão inversa da sua dimensão".

O que significa, em linguagem vulgar, que os objectos são ruins e que, quanto menores, peores.

A principio, as minhas idéas pódem parecer estapafurdias, mas, nada está tão de accordo com a theologia, a moral e as diversas sciencias exactas, a microbiologia comprehendida. Sabe-se, por difinição, que Deus, que é todo intelligencia é ao mesmo tempo todo bondade. No homem, a bondade diminue, assim como as faculdades intellectuaes. Os povos mais crueis são os menos desenvolvidos cerebralmente e a medida que se baixa na serie zoologica, constata-se a ferocidade crescente.

A ferocidade está nos seres, na razão inversa do tamanho. O elephante e a baleia têm maneiras e benevolencia. Os mexilhões, ao contrario, se comprazem em envenenar as pessôas que os comem. Na humanidade mesmo, tem-se constatado, desde muito, a maldade dos pequenos e a affabilidade dos gigantes. O côco é innocente, a ameixa quasi insipida e a imperceptivel semente da papoula um toxico violento. Os infinitamente pequenos parecem animados por um eterno furor que os leva a espalhar o cholera-morbus, a febre amarella, a molestia do somno.

Todos esses factos são verdadeiros e a conclusão assustadora: vivemos cercados de inimigos ferozes que não perdoam nunca. Penso que é tempo de tomarmos medidas preventivas Por mim parte, se um objecto me foge e depois, quando já não é mais necessario, reapparece, ponho-o de castigo.

Xerxes, açoitando as ondas do Hellesponto, deu-nos um exemplo digno de ser seguido. E acho que nada será mais util do que uma prisão, uma serie de castigos sabiamente graduados, que façam reflectir os objectos que nos detestam e se industriam para nos torturar. Espero que a minha humilde voz seja ouvida por algum homem de Estado digno deste nome.

De Elegancia

COMO vae?

— Vae-se andando...

— Está bem. Boa apparencia, alegria nos olhos...

— Vive-se como se póde.

— E o Carnaval?

— Nem me fale nisso.

— O que? Pois você que tanto aprecia festas e bailes vae fugir?

— Fico.

— Então...

— Fico, mas não saio de casa. Fico, mas não brinco. Fico, mas ninguem me verá. Fico,

— O "fico" de Pedro I não foi tão repetido. Bastou uma vez. Logo acreditaram nelle. Você diz "fico" tantas vezes que me não parece muito vincada a sua resolução...

—Como vae?

Desta vez é Belmiro Braga, muito vivo, muito satisfeito e communicativo.

— Não sabia que estava por aqui!... — Disse-lhe eu, apertando-lhe a mão.

— E já de volta para S. João d'El Rey.

— Tão depressa?

— Já, amanhã. Espanta-se? Cheguei ha dias...

— Sim? E só hoje tive a fortuna de encontral-o. A proposito...

Belmiro Braga sorriu. O 'a proposito" elle conhece. Sabe que lhe peço sempre alguma cousa para esta pagina. A's vezes elle tambem se lembra sem o meu "requerimento".

— A proposito, sabe que está em divida com as leitoras de "De elegancia"?

— Como?

— A moda mudou, meu caro poeta, e você deve dizer o que pensa das novidades.

— Quaes?

— Não repara que os vestidos cresceram de comprimento? São dez da manhã. Pelos costumes e roupas de genero esporte que as mulheres trazem, verá se estou inventando...

— Oh!...

— Pois bem, reformo: se estou creando...

— Dá no mesmo. Mas eu ainda não vi saias compridas. Vejo sempre pontas compridas e tambem pernas de fóra...

— ... emergindo dos recortes.

— Salvé!

O cumprimento é de Bastos Tigre.

— Elle passa tão apressado! Do contrario os dois dariam aqui mesmo, agora mesmo, duas quadrinhas relativas ao assumpto em apreço.

— E' mesmo. — Respondeu Belmiro Braga, já de chapéo na mão — O commerciante é que está a lucrar com os milimetros de augmento: augmenta o preço do panno á medida que vende maior quantidade.

— E a quadra?

— A em que estamos é de verão e interessantissima. Quanta menina bonita de manhã cêdo e tanto calor!

— A sua quadra, homem de Deus?

Eil-as: Capa curta de "moire lamée" branco forrada de velludo preto e guarnecido de 'renand" prateado; vestido de musselina de seda preta; vestido de "lamé" muito flexivel, collar e pulseiras de crystal e onyx; vestido crêpe romano violeta, bordado a prata e laços, rematando o decote e o babado da saia; vestido de "georgette" azul, saia de babados em forma; "manteau" de "drap" azul marinho, gólla e punhos de pelle havana; vestido de tafetá preto e bolas de prata, saia irregular, ornada, nas pontas, com babado muito franzido; vestido de setim flexivel preto e a bizarra guarnição de triplice babado de renda preta, "cirée"; vestido preto, inteiramente "pailleté"; "manteau" de velludo rubi, alto babado em forma, góla e punhos de pelle preta, brilhante.

Chapéos pequenos, mas aproveitaveis no verão. E' a mistura do feltro e palha, do veludo e palha, da fita de setim. Aliás, a parisiense gosta muito do feltro misturado á palha. E' o chapéo que serve a todas as estações, e sempre, e essencialmente "chic".

Rendas: da Casa Machado.

Concurrencia elegante: nos salões de A. Fadigas, cabellereiro da *élite*.

SORCIÈRE

— Ahn! Para breve, minha cara amiga. Conte com isso. Olhe, de S. João, no primeiro momento de lazer.

E lá se foi elle, sorridente, a cumprimentar um e outro e, talvez, a pensar em alguma "quadra" mais urgente.

Um casamento elegantissimo, embora na mais absoluta intimidade, o de Lucia Leite de Castro e Nordau Rothier Duarte. A noiva vestia "georgette" marfim, véo de renda. Um "bouquet" de flôr de Lothus completava "ensemble" tão simples quão gracioso. Do elemento feminino, um punhado de moças bonitas e bem trajadas, predominando a musselina estampada, o que, aliás, está, ha muito, de grande rigor moderno na Europa, até para vestidos de baile e theatro. Após a ceremonia religiosa, champagne e finissimos biscoitos. Os noivos partiram no mesmo dia para São Paulo, onde fixarão residencia.

Ainda continúo, hoje a dar, aqui, vestidos de baile, mesmo porque a epoca é de festas. Em paginas do texto, desde 25 de Janeiro ultimo, as leitoras contam com figurinos de fantasias que "Para todos..." escolheu a capricho. E as que não gostam de se fantasiar têm onde escolher "toilletes" á paisana.

MUSICA

Ainda não se sabe como será resolvida a questão suscitada com a Prefeitura, em consequencia do novo imposto, creado para que as casas de victrolas e discos possam continuar a tocal-os, como até aqui, para poder exercer o seu commercio. Seja, porém, como fôr, o caso presta-se a reflexões diversas, que talvez não fiquem deslocadas numa secção como a nossa, em que se commentam os assumptos musicaes da semana.

Uma primeira pergunta surge immediatamente, desafiando uma resposta capaz de ser absolutamente irretorquivel! Poderá o commercio usar do seu processo de tocar discos, incommendando toda a vizinhança, para attrahir a freguezia e, portanto, augmentar o seu negocio?

Ha os que immediatamente nos darão uma resposta positiva, como ha os que logo responderão negativamente.

Com quem estará a razão?

Um dos mais bellos principios do Direito é, sem duvida, o que nos aconselha que respeitemos o direito alheio, para que o nosso seja tambem respeitado.

O nosso direito não é illimitado. Elle acaba justamente onde começa o direito alheio. De modo que nunca devemos nos esquecer de que, se quizermos que respeitem o nosso direito, a primeira coisa que temos a fazer é respeitar o direito dos outros.

Ninguem dirá que um commerciante, que toca o dia inteiro os discos que bem entende, não esteja incommodando os seus vizinhos. E, como ninguem gosta de ser incommodado, não é razoavel que fiquem impunes aquelles que, egoistica ou inconscientemente nos incommodam.

A musica é uma arte muito diversa das outras. Uma creatura que não aprecia as artes plasticas, que não gosta de literatura ou de theatro, poderá viver inteiramente alheia a taes manifestações artisticas. Basta que fuja dos theatros, das sessões literarias, ou das exposições de bellas-artes.

Quem não gosta de musica não poderá fazer o mesmo. A musica volatiliza-se. O som caminha numa velocidade vertiginosa e propaga-se e alastra-se e ninguem, que não seja surdo, póde fugir-lhe, porque ella veiu de longe irresistivel e inevitavelmente!

As artes plasticas não vão atraz de ninguem, não perseguem os seus desafeiçoados, ao passo que a musica os persegue mesmo de longe. Se eu não gosto de pintura, a collecção de quadros do meu vizinho não me incommoda. Mas se eu não gosto de musica, a victrola da minha vizinhança fatalmente me incommoda, mesmo de longe, sem que de nenhum recurso eu possa lançar mão para evital-a.

O apaixonado da musica não se lembra de que ella tem inimigos e julga-se só no mundo.

O commerciante de discos, como o amante da musica, um, em sua casa de negocio e o outro, na sua residencia. Ambos, com a mesma inconsciencia e com o mesmo enthusiasmo, tocam as suas victrolas, enchendo de musica toda a vizinhança, porque entendem que "estando em suas casas, têm o "direito" de nellas fazer tudo quanto quizerem". E' o seu "direito" de se divertir, que allegam, esquecidos de que o vizinho tambem tem o direito de não ser incommodado. Tal como o nosso vizinho de omnibus ou de bonde, que usa o seu 'direito" de fumar, esquecido, egoisticamente, de que offende o nosso direito de não ser incommodados pela fumaça do seu cigarro!

Nisso, a musica e a fumaça se parecem... Ambas espalham-se, volatilizam-se, fazem-se sentir de longe.

O centro commercial de uma Capital como a nossa não possue apenas casas que vendem victrolas e discos. Em pleno centro da cidade, trabalha-se de mil manieras. Ha os nhar honestamente a sua vida — e, aliás, sem centrar-se para produzir e para tambem ganhar honestamente a sua vida — e aliás sem incommodar os outros...

Apreciando, pois, o caso por esse lado, o imposto prohibitivo só merece applausos. Mas ha ainda um ponto de vista mais importante a considerar — o interesse da boa musica e da educação do povo.

Reclama-se, contra o imposto, allegando-se a tristeza da cidade. O Rio — dizem — era até ha pouco uma cidade feliz, que cantava alegremente atravez de uma porção de gargantas, que por ahi se espalhavam. Era a cidade — sonora, que despertava, que trabalhava e que adormecia ao ruido de mil orchestras. Essas orchestras, entretanto, emmudeceram rapidamente, deixando a cidade triste, concentrada e sombria.

Ainda sob esse aspecto, o Conselho tinha razão. Effectivamente, o Rio era uma cidade que cantava por toda parte. Mas, infelizmente, por toda parte só se ouvia musica ligeira, musica regional, que se repetia insistentemente, martellando, sem treguas, nos ouvidos da população. Não seria possivel descobrir nem organizar melhor serviço de propaganda contra a boa musica e contra a educação musical do publico. Só por excepção, o commerciante de discos fazia ouvir uma boa pagina de musica. O resultado disso teria de ser cada vez peior. Era preciso oppôr-se um dique á preoccupação puramente commercial com que se vinha envenenando o bom gosto da população carioca, levando-a para o caminho da verdadeira corrupção musical por onde iamos.

Louvemos, pois, a lei municipal. E' preferivel uma cidade sem musica, do que uma cidade musicalmente corrompida.

T. G.

MARINA GALVÃO que acaba de conquistar o Primeiro Premio do curso de piano do professor Barroso Netto, no Instituto de Musica.

A pianista Mariinha Porto que acaba de se apresentar ao publico paulistano em brilhante recital no Conservatorio.

IGINO MANCINI, reune as suas qualidades de musico de valor á de grande organista. E' o director musical de Santa Cecilia, em S. Paulo, e professor dos mais acatados.

PORQUE AS "ESTRELLAS" DO CINEMA NUNCA ENVELHECEM

Não sé verá nunca um defeito na cutis de uma estrella de cinema. Ha a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado o rosto na tela, seria tão notavel que elle constituiria uma ruina. Nem todas as mulheres sabem que ellas tambem podiam ter uma cutis digna de inveja de uma estrella do cinema. Toda a mulher possue, immediatamente abaixo de sua velha tez exterior, uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie basta fazer com que se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtem com applicação de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A Cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz do que estes.

CABELLEIRAS ONDULADAS

Poucas pessoas sabem que o stallax póde ser usado como shampoo, e que é muito melhor para este fim que qualquer outra substancia. Tem elle uma natural affinidade com o cabello, tornando-o lustroso, avelludado e pronunciadamente ondulado. Uma colherinha das de café, cheia de stallax granulado, dissolvido numa chicara dagua quente, é mais que sufficiente para o offeito desejado. O stallax legitimo é vendido nas pharmacias, só em pacotes sellados, contendo uma quantidade sufficiente para fazer-se de vinte e cinco a trinta shampoos. O brilho que empresta ao cabello é inteiramente inimitavel e indescriptivel.

Bahia

No dia 1º de Janeiro, quando foram inauguradas as novas torres e as novas cabines do Elevador Lacerda. O senhor Anisio Masson, Director da Cia. Linha Circular, dá explicações ao Prefeito Francisco Souza.

A FESTA DAS SOMBRINHAS NA BAHIA — Senhoritas da Elite Bahiana e suas sombrinhas.

Clinica Medica de "Para todos..."

NOCIVIDADE DAS POEIRAS

Os microbios pathogenicos, deseccados e intimamente incorporados ás poeiras, ficam num estado de "vida latente", á espera de condições favoraveis á reintegração de suas nefastas propriedades mortiferas.

Taes são, entre outros, os germens da tuberculose, do tetano e da grippe, os staphylococcus e streptococcus, todos elles capazes de penetrar pelas vias gastricas e respiratorias e de, uma vez installados em nosso organismo, desenvolver a sua actividade infecciosa.

Quantos males seriam intelligentemente evitados, si os poderes governamentaes instituissem um permanente serviço de irrigação, nas ruas e praças de todas as cidades, empregando aguas em que fossem dissolvidas umas bôas porcentagens de substancias antisepticas ?

Arrastando quotidianamente, para os ralos e sargetas, as poeiras carregadas de microbios pathogenicos, a irrigação antiseptica prestaria á collectividade serviços inestimaveis, talvez menos dispendiosos do que a retribuição que o erario publico offerece á phalange de hygienistas puramente burocraticos!...

E o bom exemplo da iniciativa official, para combater a nocividade das poeiras, daria á hygiene domestica a noção do grave erro geralmente praticado, com o emprego das vassouras e dos espanadores.

O asseio das habitações passaria a ser feito, por meio de lavagens, sendo as varreduras unicamente executadas após a irrigação dos ladrilhos ou dos soalhos. E a limpeza das paredes das portas, das janellas e dos moveis, exigiria o panno humido, em vez dos espanadores, utensilios que o bom senso condemna em absoluto !

CONSULTORIO

O. FERREIRA (Bello Horizonte) — Jámais repetimos os assumptos desenvolvidos nas chronicas desta secção. Para dar á referida pessoa a impressão que deseja, basta offerecer-lhe um exemplar de "Para todos..." de 7 de Dezembro de 1929, onde achará a chronica relativa "ás bebidas alcoolicas", — o que inteiramente satisfaz o seu pedido.

DIDI — Adopte um regimen alimentar composto principalmente de leite, manteiga, pão, outras massas, doces, compotas de fructos, carnes gordas e cervejas maltadas.

Depois do pequeno almoço e depois da ceia, use a "Placentodóse" (veja no prospecto a dosagem que lhe convem, pois que não refere na carta a sua idade), bebendo em seguida meio copo de leite assucarado. Depois do jantar, use uma colher (das de sopa) de "Malt-Oleol". Faça, por semana, tres injecções intra-musculares, com o "Nuclearsitol Robin". O tratamento externo é simples: lave todas as manhãs, á região com agua morna e sabonete de amendoas e, depois de enxugal-a, applique em massagens: precipitado branco 1 gramma, oxydo de zinco 5 grammas, lanolina benjoinada 5 grammas, glycerina borica 15 grammas.

L. A. (Rio) — Unicamente podemos responder a sua carta, na secção medica desta revista. Outro logar não nos pertence. Use, pela manhã e á noite, dois comprimidos ovaricos. Depois de cada refeição principal, tome o "Forxol". Reapparecendo os incommodos alludidos, póde usar, não sómente os suppositorios, como tambem a pomada adreno-styptica e a "Proveinase Mydi". Si as crises periodicas, forem muito dolorosas, use, no momento opportuno: analgesina 1 gramma, bromureto de sodio 2 grammas, tintura etherea de valeriana 2 grammas, tintura de artemisia 3 grammas, extracto fluido de viburnum prunifolium 4 grammas, xarope de canella 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro, — meio calice de 3 em 3 horas. Externamente basta lavar o rosto, pela manh, com agua morna e sabonete de benjoin, enxugal-o, fazer, em seguida, massagens, com um pouco de leite posto a coalhar no dia anterior, deixar o leite actuar durante vinte minutos, após a massagem, lavar depois o rosto com o mesmo sabonete e applicar, depois de enxuta a região, o talco boricado.

R. U. T. H. (Jardinopolis) — Internamente use "Lactal", — dois comprimidos antes das principaes refeições e á noite, no momento de se recolher ao leito. Externamente applique em massagens: bi-chlorureto de hydrargyrio 5 centigrammas, chlorhydrato de ammonico 1 gramma, hydrolato de amendoas amargas 8 grammas, alcool 60 gráos 8 grammas, emulsão de amendoas amargas 250 grammas.

I. L. Z. A. (Guarujá) — Na alimentação, deve apenas empregar substancias facilmente digeriveis. Use: tintura de badiana 2 grammas, tintura de genciana 2 grammas, taka diastase 3 grammas, agua chloroformada 50 grammas, elixir de pepsina Mialhe 1 vidro, — uma colher (das de sopa), depois de cada refeição principal. No momento de se recolher ao leito, use dois comprimidos de "Lactolaxyne Fidau".

A. E. C. (Cruzeiro) — Deve usar: bromoformio ,5 gottas, terpina 50 centigrammas, tintura de grindelia robusta 4 grammas, tintura de drosera 4 grammas, extracto fluido de capillaria 10 grammas, hydrolato de flores de laranjeira 20 grammas, xarope de angico 120 grammas, xarope de tolú 180 grammas, — uma colher (das de sopa), de 4 em 4 horas. Depois de cada refeição principal, tome duas das "Capsulas Creosotadas do Dr. Fournier". — DR. DURVAL DE BRITO.

PERFUME DO PECCADO

(FIM)

beça e murmurou: — Querida, em tudo o que dizes ha uma grande verdade; eu, na tua idade, ainda não tinha aprendido a ser joven.

Virou-se e se encaminhou para a porta; entretanto, seu corpo vibrou, ella o notou e disse simplesmente:

— Ajudas-me a levar os "meus" livros?

Amalia chegára e estava ali, na porta; elle passou-lhe junto, fazendo uma leve inclinação de cabeça. Quando voltou, Amalia foi ao seu encontro.

— Zangado?

— Pensava que tivesse partido; do contrario, não a viria incommodar com a minha presença.

— Quer dizer que lamenta tornar a me vêr?

— Gostaria si isso pudesse significar que o que me disse hontem era... uma mentira.

— Cuidado com a tia!

Separaram-se. Elle logo a perdeu de vista, e não se preoccupou em procural-a; mas obedecendo ao instinctivo desejo de evitar um novo encontro, subiu ao terraço. Alli corria um vento fresco, agradavel. No céo, centenas de estrellas brilhavam como esmeraldas perdidas no espaço.

Um braço nú e torneado apoiou-se no seu. Era Amalia.

— Não pude falar-te, porque estava com a tia; não comprehendendo porque ella me vigia de tal modo. Tenho que te falar; não iremos embora da capital; amanhã vou procurar uma casinha por estes arredores. Queres acompanhar-me?

— Ainda não cansaste de te divertir á minha custa?

Ella encolheu os hombros e disse, suspirando:

— Si vieres, dar-me-ás muito prazer. Saio amanhã á tarde. Si quizeres te encontrar commigo, espera-me na estação da estrada de ferro...

Por uns momentos, não respondeu. Voltou-se depois para falar, mas Amalia já não estava. Deu uns passos em direcção á sala, e se deteve surpreso. A' pouca distancia estava Oriella, muito pallida, que o observava. Seus labios apenas se moveram:

— Não vá... — e um soluço lhe cortou as palavras; depois levantando o rosto, continuou: — Não vá; sei o mal que lhe póde causar.

— Creatura divina! — Uma infinita ternura invadiu-lhe a alma; teve vergonha de mentir a essa virgem. Não quiz desculpar-se e lhe disse: — Mas, dize-me querida Oriella; que fantasias se aninham no teu cerebrozinho? Onde queres que eu não vá? Quem me póde fazer mal?

— Todos já notaram e se riem! Mas eu não posso, não quero que lhe façam mal!

Jorge comprehendia o esforço infinito que fazia Oriella para lhe falar desse modo; sua profunda perturbação o enchia de mil ansias diversas, de piedade, de ternura, que se misturavam com o ineffavel bem estar do homem que se encontra a si-mesmo e tambem o porquê da vida no affecto de uma virgem, embora queira dar a esse sentimento o nome de amor.

— Então, a malicia da gente é tão grande que póde envenenar a fantasia da minha pequena Oriella. Vês que comprehendo muito bem o que se passa em tua alma, mas não serei indiscreto a ponto de interrogar-te. Ninguem póde me fazer o mal que julgas; nem tenho a intenção de deixar a capital. Só sahirei della em companhia de minha mãe, ou com vocês, quando forem ás montanhas. Não é isso que te devo prometter?

Amalia chegou, entretanto, para interpôr-se entre elles.

— Oriella, corre; estão te chamando ao telephone.

Mas Oriella já não temia ninguem e, para que Jorge visse como estava segura delle, abandonou o seu braço e partiu a correr.

Então, Amalia lhe sussurrou, precipitadamente:

— Parto ás quinze horas; toma o trem precedente.

— Só si eu fosse louco! — pensou elle. — Já te divertiste muito á minha custa!

Durante toda a noite, os seus pensamentos foram como um céo estrellado; a menor duvida não lhe empanava o socego. A imagem de Oriella dansava-lhe na imaginação. Dormiu até de madrugada. Uma nova inquietude tornou-o a despertar. Julgou ouvir as ultimas palavras de Oriella: "Todos o notaram e se riem". Malditos bisbilhoteiros! Como teriam feito para o descobrir, si elle não déra azo a nenhuma suspeita, e até procurava evitar encontral-a? Como o sabiam? E a pobre Oriella estava convencida! Como é que elle e sua mãe poderiam acompanhar Oriella e os seus, durante o verão?

Emquanto dava o laço da gravata, entrou no seu gabinete, á procura de um guia de trens. — Para tomar o trem precedente ao de Amalia, teria que partir da cidade ás doze e um quarto: já são onze!

Vibrou dos pés á cabeça.

Depois:

— Bom; é melhor que eu vá..., porque si falto á minha palavra é peor... Bandido!

Tocou a campainha e appareceu o creado.

— Prepara-me a valisa chata!

Continuou pensando:

— Amalia é bem capaz de não ir; ou si vae, de ir com toda a companhia: a sogra, a creada, os filhos, para rir-se na minha cara. Ligou o telephone e chamou um taxi.

— Onde vaes? — perguntou lhe a mãe.

— Vou reunir-me com o meu velho amigo Carenti.

— Quem?

— O conde Carenti, nosso embaixador em Berlim, quando eu era primeiro secretario.

— Onde te espera?

— Não; quem o deve esperar sou eu. Elle passa pela estação de Arezzo com o trem das 13.

— E vaes sem almoçar?

— Não tenho appetite e posso almoçar no trem.

Despediu-se bruscamente e começou a descer a escada. Afinal, parou um instante, tirou o cigarro dos labios e o jogou longe. Murmurou:

— Imbecil!

Lembrou-se de Oriella; com desolado pezar e vergonha se julgou:

— Imbecil sómente?

Semvergonha tambem!

Depois, dando de hombros, disse:

— Um homem. Sou um homem!

Um homem, isto é: um conglomerado de bestiaes instinctos e meditadas baixezas, merecedor das mofas de uma mulherzinha, mestra no jogo do amor.

O roncar de um motor arrancou-o ás suas amargas reflexões. O taxi pedido chegava. Subiu.

— Sim, Amalia! Um homem e uma mulher, iguaes na sua premeditada desvergonha. Um perfeitamente digno do outro!

(Traducção de ANELÊH)

CONTO AZUL

(FIM)

Enide não tinha coragem de relêr as cartas antigas com medo de impedir que as novas chegassem. Quando recebia alguma, devorava-a com tanta avidez que não podia aprecial-a. Em seguida relia o que já lêra, sem comprehender. Relia uma vez, cem vezes. Mas, logo, a carta tantas vezes lida, perdia o senso, como um fructo que se espreme perde o succo. Então, abria a gaveta onde se amontoavam as outras cartas, velhas cartas de amor, cheias de significação e que ella

não se animava a tocar. Atirava para ali, aquella, a ultima em data e que já nada mais continha.

Nos dias em que o correio fantastico trazia para Enide muitas cartas e que a sua alma se fartava, a turqueza, sem que ella suspeitasse, esverdeava um pouco. Brilhou, maravilhosamente azul, quando, depois de um anno de espera, a volta tão desejada, tornou-se provavel. Ella soube, muito tarde, a data da partida de Trichnapour; no mesmo dia arrebentou uma revolta e annunciavam um tufão, naquellas paragens. Enide partiu para Gibraltar. Sobre o rochedo onde se levanta um acampamento de militares,

a presença da bella lady Thame quasi provocou uma revolução. Mas quando se pertence ao Exercito é difficil falar de amor a uma Ysolda, cujos olhos estão fixados no mar. Os navios passavam... Sempre vasios...

Emfim, no quarto dia de uma vigilia prolongada até a tortura, a presença do governador no torpedeiro "Invariable", foi avisada pelo sem fio.

Lord Thame estava a bordo, mas invisivel, mergulhando na molestia do somno, occulto por tres véos: as palpebras, o mosquiteiro e uma sentinella intransponivel.

Despertou miraculosamente á vista da costa da Inglaterra. Viveu durante os vinte e cinco minutos que lhe foram necessarios para se recostar, as delicias de uma convalescença como jámais conhecera.

Ao fim de uma semana de felicidade que se seguiu a uma de perigosa recahida, como a pedra azul esverdeasse, imperceptivelmente, aconteceu a declaração da guerra européa de 1914. Lord Thame, que entendia a politica, beijou a mulher e disse-lhe:

— "Vamos ter durante quatro annos uma guerra atroz!"

E alistou-se, muito embora a idade.

Foi durante esse tempo que a pedra azul de Enide correu os maiores riscos de se esverdear. Lord Thame foi mandado para um estado-maior. Levavam a vida mais calma possivel: Enide numa ambulancia do "front", retirada para traz das linhas; Lord Thame, a pequena distancia della, mais resguardado ainda. A correspondencia chegava com regularidade. Da sala, onde ella ficava de guarda, com um bom binoculo, podia ver o marido, no terraço de um lindo castello francez, fumando o seu cachimbo. O amor de Enide experimentou uma harmonia apenas entrecortada pelas bombas dos aviões. No mez que se seguiu ao armisticio, a guerra civil rebentou, na Irlanda, patria de Enide e primeiro theatro das proezas de seu marido.

Incontinente partiram para Dublin. Lord Thame contava remir o seu antigo crime, o parricida que commettera sem saber. E foi morto, quasi diante dos olhos de Enide, á frente das tropas insubmissas, das quaes tomaria o commando. Ella levou o corpo do esposo para Hill-Hall, amortalhou-o e enterrou-o.

Como o marido morrera por ella, para vingar-lhe o pae, Enide sentia-se na obrigação moral de não tornar a se casar. Occupada em cuidar da salvação da sua alma, entregava-se toda ao temor de não revêr Lord Thame no outro mundo. Sobre a pedra azul, não restava nenhum traço da espuma mysteriosa que atormenta as mais sinceras paixões.

O medo é o começo da sabedoria; é preciso, para amar, não estar seguro de coisa alguma, nem mesmo da misericordia de Deus.

MENDIGANDO AMOR

(A' Arminda)

Teu segredo me contaste um dia...
Era noitinha, quando o segredaste;
Tremula estavas e tal agonia
Nos teus formosos olhos revelaste,

Que, cheio de dôr e commiseração
Alliei-me á tua alma amargurada,
E, te confiei meu pobre coração
Ao teu que mendigava na estrada.

Mas, quando minh'alma descansada
Aos teus pés se rendeu toda captiva,
Em recompensa se viu apedrejada.

Na mesma estrada onde, immersa em dôr
Tu não me appareceste assim altiva,
Mas, simplesmente, mendigando amor.

Raymundo Alves Cabral.

O clarão que illumina os olhos do ceguinho...

(FIM)

animal que não podia vêr, mas que, se o pudesse, o envolveria na mais piedosa ternura que póde viver nos olhos da gente. E, de vagar, continuou o seu caminho.

Quando, meia hora depois, entrava em casa, sentiu que passos leves o seguiam tambem. Abaixou-se e, tacteando, foi bater com os dedos nas costas de um cão, o mesmo que pisara. Mezes correram e, como o animal não mais o quizesse deixar—tornou-se seu amigo e companheiro de todos os instantes. Se havia fartura, os dois se fartavam, no caso contrario, repartiam irmãmente o pouco que lhe cahia ao alcance dos dedos...

— Como foi que teve essa idéa original de vestir o cão de bilhetes de loteria ?

— Era ahi que eu ia chegar...

E o cégo, feriu, de prompto, o assumpto. Vender bilhetes como vendia era difficil, porque pela cidade inteira se espalham vendedores, nas mesmas condições.

Para triumphar sobre os outros, lhe parecia indispensavel uma idéa fóra do commum, inedita. Foi quando todos os seus pensamentos e todas as suas esperanças se concentraram no animal, a um lampejo na imaginação ardente. Se elle até então fôra um esplendido guia, passaria a collaborador esplendido...

— Como foi a estréa ?

— Bem, senhor. Foi no dia 21 de Março de 1927 que elle sahiu com os bilhetes nas costas pela primeira vez. Um successo.

Recordando:

Tanta gente se juntou em redor de nós, no Largo da Carioca, que foi preciso a policia intervir...

Sacudindo a cabeça:

— Bom dia aquelle. Lucros que foram a 20$000...

E agora ?

— Ha dias felizes e dias sem sorte.

— Quando a maré está bôa, sempre gasto com parcimonia para poder enfrentar o tempo máo...

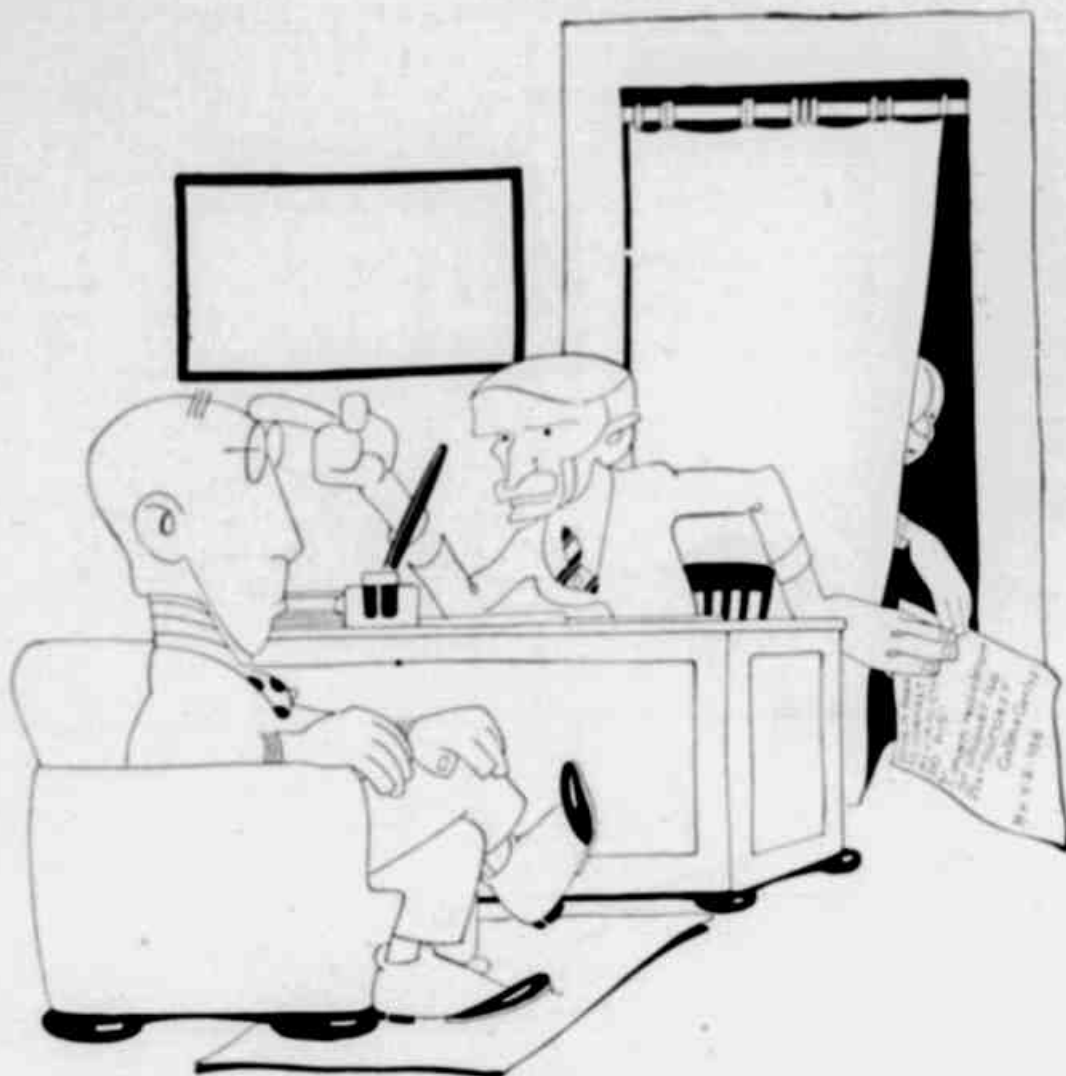
E assim vamos vivendo...

— Gosta muito do "José" ?

— Sim, meu caro senhor, gosto tanto delle como um pae que ficou cégo e só conta com o unico filho para ajudal-o.

— E você gosta aqui do mestre ?

Batendo nas costas do cégo "perguntamos" ao cão. Elle, sentado nas patas trazeiras, teve um estremecimento no rosto. Não disse nada... — Ah ! se elle pudesse dizer !... — mas deu tal expressão ao rosto, de tal modo compoz na physionomia a mascara da ternura e da gratidão que sem uma palavra comprehendemos que elle maior prova de estima e de dedicação não podia offerecer ao amigo do que tornar-se seu escravo, seu guia e sol dos seus olhos fechados !

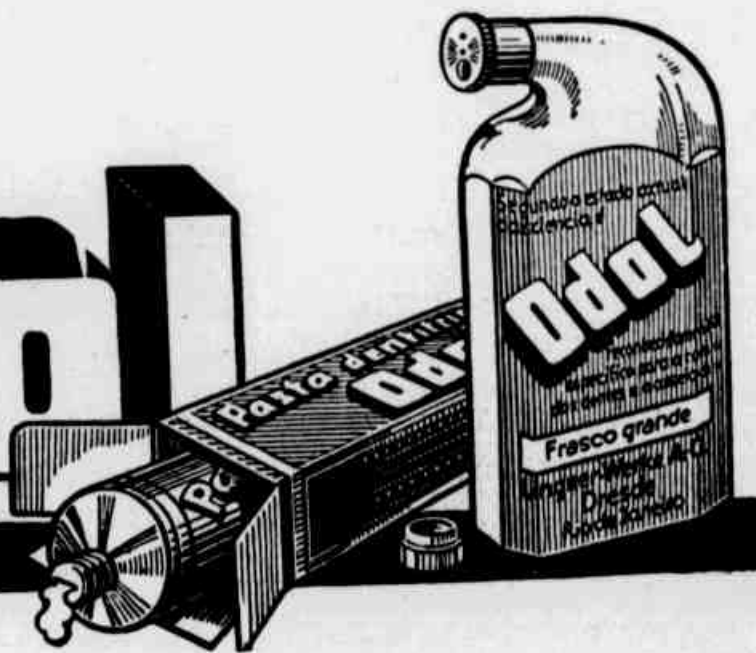
BARROS VIDAL.

Miniatura da capa d'O MALHO de hoje.

Duas discipulas de Naruna Corder

NO RIGOR DA MODA

Vestido de velludo azul, estampado, com incrustâções do mesmo tecido e saia em forma.

Vestido de crêpe da China, havana, dois babados na saia e pequena capa em forma de gola.

— Ai, ai ! Eu só queria ir para uma terra onde ninguem morresse para lá acabar os meus dias !

A VICTORIA DA LARANJADA AMERICANA

A "Laranjada Americana" foi recebida, pela cidade, com visivel agrado. Ella representava, no nosso commercio de refrescos, uma novidade, tanto mais apreciavel quanto satisfazia, a um tempo, á hygiene e á esthetica locaes. Mas, como a gente toda vez que se apresenta bem, em certos meios, corre o risco de despertar logo a inveja, o refresco em apreço não tardou em ser accusado pelos invejosos de uma porção de cousas feias! — Contra ella o aleive chegou mesmo a indispor a propria Saude Publica, e só não levaram lá o Sr. Agache tambem, nós sabemos bem porque... Afinal, as proprias autoridades da Hygiene verificaram *de visu* as optimas condições de asseio e escrupuloso preparo do producto festejado pela populaão selecta do Rio. Ahi, tudo é feito sem a menor intervenção manual e as frutas empregadas são as mais frescas, como o assucar da melhor qualidade. Apenas este, segundo a autoridade referida, não deve estar em saccos, mas em latas, como hoje aliás já se está verificando. Nós mesmos tivemos opportunidade de observar taes factos na visita que ultimamente fizemos áquelle estabelecimento — modelo, no seu genero. E si a simples inspecção de olhos não bastasse, o nosso companheiro, não menos exigente que os representantes do Sr. Clemntino Fraga, quiz tambem fazer a prova experimental, directa, deglutindo com vagares de sibaryta o delicioso producto nacional... A sua impressão não podia ser melhor! A "Laranjada Americana" é, não só, o mais saboroso dos refrigerantes que temos hoje, por esses dias de abrasante calor, como a mais saudavel, por isso que a mais hygienica das composições que a chimica industrial nos dá por ora a beber em fórma de simples mistura. Fóra d'ahi o que se disser não passará de simples conversa fiada, para os ingenuos que não sabem de quanto o despeito será capaz...

O Mais Bello Livro das Creanças

O LIVRO DE CONTOS DOS RICOS; O LIVRO DE CONTOS DOS POBRES

ALMANACH DO "O TICO TICO"

PARA 1930

Contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamim, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina, tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

Se não existe jornaleiro em sua terra, envie 5$500 em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do correio á Soc. An. O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

A' venda em todos os jornaleiros do Brasil

Officinas Graphicas d'O MALHO